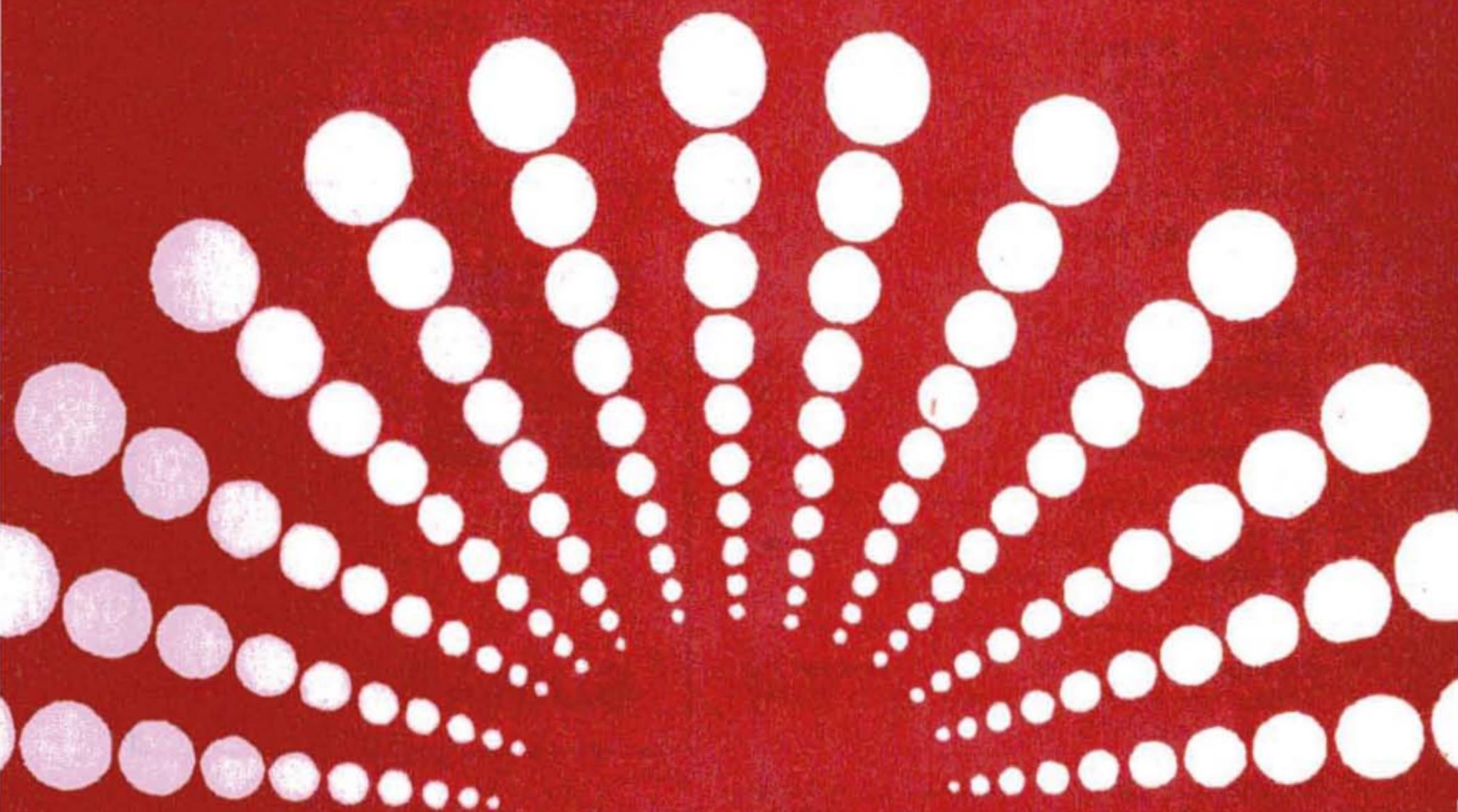


convergência

DEZ — 1979 — ANO XII — Nº 128



- **COMUNIDADES EVANGELIZADORAS**

Frei Hugo D. Baggio, OFM — página 583

- **O SOCIAL EM PUEBLA**

Pe. Renato Poblete, SJ — página 602

- **RELIGIOSIDADE POPULAR E POLÍTICA**

Frei Leonardo Boff, OFM — página 618

CRB: 25 ANOS

1954/1979

CONVERGÊNCIA
Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1979:

**Brasil, taxa única (via
terrestre ou aérea).....Cr\$ 280,00**
Exterior: marítimaUS\$ 17,00
aéreaUS\$ 25,00
Número avulso.....Cr\$ 28,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores.

Composição: Compositora Helvética
Ltda., rua Correia Vasques, 25 — 20211
Rio de Janeiro — RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora
Vozes Ltda., rua Frei Luís, 100 — 25600
Petrópolis — RJ.

Nossa Capa.

Tentativa de estilização, em formas geométricas regulares, do efeito que se segue à detonação de fogos de artifício. É um ano de Festa 1979. Estamos vivendo os 25 anos de vida da CRB. Festa para Você, Religioso e Religiosa, que começa ou já vai adiantado mas não se envelheceu interiormente pela capacidade de descobrir o sentimento da alegria e da esperança. Nossa caminhada, lado a lado, quando fraterna, o tempo só faz aprimorar. **Bodas de Prata** é uma idade jovem para uma instituição. É convite para assumir a psicologia das origens, confiando na intervenção do

Senhor que renova, periodicamente, a nossa juventude. Convite para a renovação diuturna do alegre comprometimento de ir em frente, com entusiasmo e otimismo, na rota do SOL, no caminho de DEUS.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.



SUMÁRIO

EDITORIAL	577
INFORME DA CRB	579
COMUNIDADES EVANGELIZADORAS	
Frei Hugo D. Baggio, OFM	583
BETÂNIA, CASA DE ORAÇÃO	
Ir. Isabel Fontes Leal Ferreira	597
O SOCIAL EM PUEBLA	
Pe. Renato Poblete, SJ	602
IRMÃZINHAS DA ASSUNÇÃO A SERVIÇO DA FAMÍLIA OPERÁRIA	613
RELIGIOSIDADE POPULAR E POLÍTICA	
Frei Leonardo Boff, OFM	618
VIDA RELIGIOSA INSERIDA NOS MEIOS POPULARES	621

EDITORIAL

Puebla foi o grande eixo a partir do qual se organizaram os 10 números de **Convergência** deste ano. Em todos eles procuramos oferecer aos Religiosos e Religiosas do Brasil subsídios de reflexão sobre acontecimento significativo de nossa igreja latino-americana.

Este número de dezembro ocupa-se ainda de Puebla. E bem no centro das preocupações de Puebla está o homem. O homem concreto do nosso atual contexto sócio-cultural com seus condicionamentos e suas possibilidades, com suas aspirações e suas angústias. É este homem concreto que deve ser libertado em Cristo. A temática da libertação integral pervade todo o documento e recebeu na assembléia dos Bispos enorme relevo.

Dezembro faz-nos celebrar na fé e na alegria o mistério de Jesus de Nazaré em seu nascimento, isto é, faz-nos aprofundar na vivência da Encarnação do Verbo, que para libertar o homem de toda escravidão, assu-

miu a nossa condição humana e estabeleceu entre nós a sua tenda. O Natal é portanto, na sua mesma essência, anúncio de libertação. Inaugura o Reino e anuncia a sua plenitude escatológica. Precisamente por isto, coloca para o cristão a exigência de atualizar cada dia, no concreto da sua história pessoal e social, este mesmo Reino, construindo a justiça, a paz, a fraternidade; rompendo decididamente com tudo aquilo que se opõe ao Reino e afirmando o verdadeiro sentido da Esperança cristã, que é a espera e compromisso, no concreto da existência humana.

Vivendo o Natal, hoje, no contexto eclesial de Puebla, os Religiosos somos especialmente urgidos a dar cumprimento à palavra programática de Jesus: "os pobres são evangelizados", isto é, sentimo-nos confrontados com a grande opção da nossa Igreja: a opção preferencial pelos pobres e o compromisso pela evangelização libertadora do homem latino-americano.

Pe. Renato Poblete, no seu estudo "O social em Puebla", trata de mostrar como o social não é um anexo, mas parte integrante da tarefa evangelizadora, tal como os Bispos do Continente a viram, no presente e no futuro do nosso povo. Partindo do diagnóstico da realidade, feito pelos Bispos, o Pe. Poblete aborda vários aspectos da temática do social, dando uma clara visão do que significou a reflexão de Puebla nesta linha e de como este fato poderá "ajudar os cristãos a discernirem com liberdade, dentro de um marco ético, suas opções sociais e políticas.

Frei Hugo Baggio, OFM, traça o perfil da Comunidade Evangelizadora no contexto eclesial de Puebla. Analisa o que significa o compromisso evangelizador no contexto eclesial de Puebla. Analisa o que significa o compromisso evangelizador de uma comunidade religiosa e as exigências que isto coloca para que a própria vida da comunidade seja Boa Nova, Evangelização, Libertação.

O artigo do **Frei Leonardo Boff, OFM**, "Religiosidade popular e política", mostra como "a religiosidade popular constitui uma das estruturas básicas da nossa realidade" e "como pode ser um fator de grande mobilização libertária" analisando com clareza as diversas atitudes frente a

este fenômeno, corporificadas em distintos grupos da sociedade.

A **Irmã Isabel F. Leal Ferreira** comunica aos leitores de **Convergência** uma experiência que teve a felicidade de conhecer e de viver. Fala da casa de oração Betânia e do que ela pode significar para os Religiosos, Religiosas e leigos que buscam um lugar para a interiorização, o deserto, a contemplação.

Ainda neste número, e na mesma linha de comunicação de experiências, transcrevemos na íntegra o relatório do "Seminário de estudo sobre Vida Religiosa inserida nos meios populares", realizado em São Paulo no fim de setembro. E o fazemos atendendo ao interesse e às solicitações de muitas comunidades que estão vivendo também a inserção e que desejam beneficiar-se desta rica troca de experiências e reflexão, que foi o seminário.

Publicamos também a comunicação da experiência vivida pelas Irmãzinhas da Assunção, inseridas no meio popular e operário de Fernandópolis, em São Paulo, durante 10 anos.

Convergência chegará aos nossos leitores nas vésperas do Natal. Desejamos que ele seja para todos uma nova ocasião de celebrar na alegria o mistério da nossa libertação em Cristo.

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

PELAS REGIONAIS

REGIONAL DE GOIÂNIA

FORMAÇÃO INICIAL

PRAVIR — Aconteceram neste semestre três encontros do PRAVIR (Projeto de Aprofundamento da Vida Religiosa). Participaram destes encontros: seminaristas e juvenistas (candidatas) de doze Congregações Religiosas numa média de sessenta participantes. Nestes encontros foram abordados os seguintes temas: Visão Geral sobre Puebla; Vida Religiosa; Jesus Cristo Modelo de Encontro. Estes encontros foram realizados no Centro de Treinamento de Líderes de Goiânia.

TEOVIR — Realizaram-se ainda, três encontros do TEOVIR (Teologia da Vida Religiosa). Participaram destes encontros: junioristas, noviças e religiosas em formação permanente de oito Congregações religiosas numa média de trinta participantes. Até o presente foram aprofundados os seguintes temas: Os Salmos/Visão Geral sobre o Novo Testamento/Oração/Moral na Sagrada Escritura/Intimidade com Jesus. Estes encontros foram realizados no Lar Pio XII em Goiânia.

Avaliação dos Encontros. Os encontros foram marcantes, devido a acolhida e o conteúdo exposto, despertando-nos para o fundamental na vida de oração e na descoberta dos valores das outras

pessoas. Dentre os assuntos tratados, destacaram-se como mais importantes: Jesus Cristo / Vida Consagrada / Deserto — Experiência de Oração.

Sugestões: Maior Partilha de Experiência de Deus; Mais Tempo para Oração Pessoal; Exposições sobre Maria e Puebla.

O NOVICIADO INTERCONGREGACIONAL está plenamente correspondendo aos objetivos propostos pela CRB-Goiânia. Participam 20 noviças de 6 Congregações Religiosas, que recebem aulas semanais, intercaladas pelo Pe. Gil, Ir. Laura e, ultimamente, Ir. Patrícia. Aconteceu ainda um Seminário sobre Espiritualidade e Oração nos dias 8, 9 e 10 de junho no Convento Mãe Admirável em Anápolis — GO. Participaram 27 pessoas entre formadores e noviças.

Na avaliação feita do 1º Semestre, foi constatado o seguinte:

1º) O Noviciado intercongregacional foi muito bom pois ajudou no relacionamento entre as Congregações, proporcionando um maior conhecimento da própria pessoa e também de Jesus Cristo, além de ter sido enriquecido pelo trabalho de grupo e partilha, levando o grupo a ter uma consciência crítica e aberta sobre a Vida Religiosa.

2º) Em referência as aulas de Teologia de Vida Religiosa e Bíblica; foram

profundas, deram amplo conhecimento sobre a Palavra de Deus e Vida Religiosa, levando o grupo a uma vivência mais autêntica.

3º) O Seminário de Oração, foi considerado o ponto alto deste semestre. Foram apresentadas as seguintes sugestões: a) Continuidade nos próximos anos. b) Encontro Festivo ou Passeio como encerramento do semestre. c) Que as aulas de Pe. Gil e Ir. Patrícia, sejam interligadas.

Queremos na oportunidade, agradecer sinceramente a presença e a contribuição valiosíssima que a Irmã Patrícia está prestando à CRB-Goiânia, assessorando-nos na Equipe de Formadores.

FORMAÇÃO PERMANENTE

RETIRO DIRIGIDO INTERCONGREGACIONAL. Contamos com a participação de 37 religiosas de 14 congregações; foi orientado pelo Padre Eduardo Dougherty, SJ, e sua equipe. Realizou-se no Centro de Treinamento de Líderes, Goiânia, GO, no período de 14 a 22 de maio, os temas foram centrados na vida de oração através da Bíblia com orientação pessoal. Nas avaliações foi sugerido que a CRB-GO continuasse a promover o Retiro devido ao seu valor de redescoberta de Deus na caminhada pessoal. Ficamos felizes ao constatar que o Senhor sempre nos ampara com muito carinho.

Dentre as avaliações, temos algumas:

"O Retiro Dirigido ajudou-me a descobrir, de modo mais claro, que Deus me ama muito, assim como eu sou."

"Para mim, o Retiro Dirigido foi uma experiência maravilhosa da solidão. Não uma solidão vazia, mas plena do Senhor."

"Para mim, foi de grande ajuda, principalmente quanto à oração. Passei a sentir necessidade de rezar e faço-o com gosto, sinto ser muito amada por Ele e procuro amá-Lo melhor."

"Após os dois retiros dirigidos, as dificuldades que para mim eram grandes, tornaram-se pequenas, pois, em cada acontecimento percebo que o Senhor me revela algo e que o Espírito Santo age. Não sou eu que faço, mas Ele. A Palavra de Deus (Bíblia) passou a ser minha conselheira e sinto que as jovens, com as quais trabalho, passaram a sentir o mesmo, para tudo usamos a Bíblia e a experiência está sendo ótima."

REGIONAL DE CURITIBA

Visita pastoral à periferia de Curitiba, realizada no dia primeiro de setembro por Superiores e Provinciais de várias Congregações religiosas, acompanhados por Dom Albano Cavalin.

Participaram desta visita Superiores de 21 Congregações Religiosas com Comunidades em Curitiba.

As motivações para este trabalho foram feitas a partir da Palavra de Deus, extraída do livro do Gênesis, refletindo sobre o chamado ou vocação de Abraão e alguns artigos do Documento de Puebla referentes à evangelização numa opção preferencial pelos pobres. Para orientação foi apresentado o seguinte roteiro: Barreirinha, Santa Efigênia, Atuba, Pinhais, Vila Maria Antonieta, Belém, Jardim das Américas, Vila Hauer, Boqueirão, Xaxim, Vila Nossa Senhora da Luz, Vila Santa Amélia, Santa Quitéria.

Este primeiro contato com a realidade da periferia de Curitiba teve como objetivo uma conscientização dos problemas e urgências pastorais do povo que vive nesta região. A caravana foi feita de ônibus com explicações durante o percurso. Eis o roteiro. Na Vila Santa Efigênia a direção da Paróquia está a cargo das Irmãs Catequistas e de leigos que formam o Conselho Paroquial. Em Barreirinha, vila de operários, não há

presença de religiosos, a não ser do vigário, Pe. Gilzon, lazarista, que atende à Paróquia e 4 capelas, contando com a participação dos leigos no Conselho Pastoral, Equipe Litúrgica e Ação Social.

Pinhais é uma das Paróquias mais extensas que conta com aproximadamente 40.000 habitantes. Frei Egidio Carlotto, vigário, informou os visitantes do histórico e da situação atual da Paróquia. Está constituída de 90 setores, 8 comunidades que são atendidas por ministros da Eucaristia, 50 catequistas, uma pequena comunidade das Irmãs da Divina Providência e outras das Irmãs Franciscanas de São José. Também aqui se desenvolve o trabalho pastoral nas linhas de ação social, catequese, liturgia, círculos bíblicos, grupo de jovens. Em **Vila Maria Antonieta** o vigário, Frei Benigno, atua, pastoralmente, sozinho, atendendo a 9.000 pessoas, a maioria operários, sendo que este bairro é definido como o "dormitório", isto é, grande parte de seus habitantes trabalham em Curitiba, nos mais diversos setores e, só à noite, estão ali, em Vila Maria Antonieta.

Foram apresentadas, de passagem, a capela Nossa Senhora do Pilar em Vargem Grande, a Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Na região do Rio Belém, a capela Menino Deus, com suas imensas favelas. A Paróquia São Judas Tadeu na **Vila Hauer**, considerada uma das paróquias mais pobres de Curitiba. Em seguida Comunidade de Santo Inácio, onde estão presentes as Filhas da Caridade, a própria Irmã Provincial, Irmã Alice Ferreira, orientou a caravana sobre os histórico e a finalidade desta fundação.

Após o almoço, antes de prosseguir o roteiro de visitas, foi feita uma breve avaliação do trabalho até então realizado, chegando às seguintes constatações e pistas de idéias.

Constatações

◆ Há muito trabalho e pouca gente atuando no campo pastoral, nesta área. O que se faz é muito pouco em proporção ao que se poderia fazer.

◆ Há Paróquias extensas demais.

◆ Há Paróquias onde se nota um crescimento desordenado da população.

◆ A maioria destas Paróquias são lideradas por sacerdotes idosos, cansados, e alguns sozinhos.

Pista de idéias

◆ A Igreja de Curitiba poderia planejar melhor alguns setores.

◆ Poderia haver melhor distribuição de casas religiosas e Colégios.

◆ Nas grandes Paróquias as Irmãs poderiam assumir capelas, **como** irmãs.

Na parte da tarde foi feita a visita ao bairro **Xaxim**, caracterizado especialmente pelos conjuntos habitacionais ainda em construção, parte deles. Na paróquia Nossa Senhora da Glória, Pe. Miguel Ângelo informou da situação sócioeconômica e pastoral e de suas preocupações que são realizar a Igreja onde o povo vive e lá realiza a libertação deste povo, assumindo suas alegrias e sofrimentos. "Quando o povo se sente abandonado, esquecido, ele se pergunta: 'Que filhos de Deus somos nós?'" Nesta Paróquia do extenso Xaxim há 5.000 casas em conjuntos habitacionais, e, ao todo, 12.000 famílias. A população é constituída de operários, metalúrgicos, biscateiros, motoristas. Sessenta por cento da população ativa não chega a receber 2 salários mínimos. Atendem a toda a área do Xaxim 5 padres — 3 seculares, 1 Carlista e 1 Josefino e 6 Irmãs.

Uma das Irmãs, cuja residência visitamos, falou do estilo de vida que assumem ali: pela manhã, oração e atendi-

mento em casa, à tarde atendimento nos Centros Sociais, sobretudo com a medicina preventiva. Foram feitas outras visitas a Irmãs que nesta região e na **Vila Nossa Senhora da Luz**, vivem em pequenas comunidades, no meio do povo, em casas particulares: Irmãs Filhas da Caridade e Franciscanas de São José. **Santa Amélia** conta com o serviço do Vigário, Pe. José Sório, e de uma Irmã que, aos sábados, vai do Centro para ajudar na catequese. **Santa Quitéria** foi o ponto de parada para a avaliação final.

Reflexões finais

◆ Foi sugerido elaborar e enviar a todas as comunidades de Curitiba um mapa com uma visão das necessidades, sugestões e prioridades da Igreja para cada região.

◆ Sentiu-se a necessidade de elaborar planos e critérios para uma atuação concreta junto à periferia.

◆ Esta reflexão deverá ter continuidade em base também a experiências já feitas.

◆ Deverão ser ponderados os problemas econômicos, a espiritualidade, a vida comunitária, o carisma ao se pensar em novas fundações.

◆ Feita a constatação que é necessário ter uma vocação específica para o trabalho com os pobres, sentiu-se a necessidade de que cada Congregação prepare os membros que tenham tendência para isto.

◆ Próximos passos: numa próxima reunião cada responsável traga sugestões concretas para um melhor atendimento pastoral da periferia.

◆ A Equipe de Pastoral junto à periferia fará estudos, estabelecerá planos e metas de ação, nesta área, para o próximo ano.

D. Albano concluiu a reflexão dizendo que "a Igreja de Curitiba aguarda uma resposta generosa das Congregações religiosas". Com preces espontâneas, motivadas pela experiência vivida neste dia, encerrou-se a Visita Pastoral à periferia da Caravana dos Missionários da Igreja Particular de Curitiba

COMUNIDADES EVANGELIZADORAS

*Quem se acostuma não se questiona nem luta.
Aqui está um constante desafio
para quem quer viver no grupo e viver o grupo:
Não se acostumar.*

Frei Hugo D. Baggio, OFM

Rio de Janeiro — RJ

Escreveu Oliver du Roy que a vida religiosa, hoje, está em crise, mas ao mesmo tempo está em gestação (1). Parece-me, mesmo, que toda crise é gestação, sobretudo quando pensamos na vida religiosa, como toda gestação tem suas crises. Ora, nada na terra é mais maravilhoso do que o trabalho da gestação. Nada é mais vital. Nada é mais sacramento de Deus do que a estação na qual o homem se vai construindo até atingir a maturidade capaz de se lançar à aventura da vida e arrancar de Deus a exclamação de entusiasmo que soltou após cada maravilha que trouxe à realidade no início da história dos tempos. No seio da mãe, encontra o homem os elementos para desenvolver as virtualidades, tomar corpo, desenvolver o espírito, com que realizará sua vocação histórica e divina, chamado como está a partilhar, um

dia, da comunhão com o Pai, que perfaz a plenitude da realização. Gostaria de acentuar a gestação como o tempo em que o ser se está formando, por que se apresenta como sendo a função de uma comunidade: oferecer ambiente propício para que nela se possa dar a gestação da vida religiosa. Vida no seio da mãe, vida no seio da comunidade. Em outras palavras, a comunidade é para o consagrar o ambiente histórico, onde amadurece e dá sentido à sua consagração, porque o homem se entrega a Deus, mas vive nesta entrega através dos homens: na pequena comunidade familiar e na grande comunidade eclesial.

É pela sua inserção numa comunidade que o homem mede, assume — como agente ou mero espectador — os grandes e os pequenos aconte-

tecimentos que perfazem o caminhar da humanidade. A comunidade desempenha, para o indivíduo, a função do meio-ambiente que envolve o feto na fase da gestação. Este ambiente dá resposta a todas as necessidades do ser em formação. Entre o embrião e a mãe estabelece-se a simbiose (sym + bios): vida-em-comum, reciprocidade de benefícios, comunhão, vinculação vital, associação de organismos que mutuamente se precisam e favorecem o desenvolvimento, contribuição indispensável à vida, troca no sentido de dar e receber. É um processo que faz a mãe e o filho se fundirem, se assemelharem, partilharem, de tal maneira que a natureza não conhece nenhuma outra forma de comunhão, onde tanta intimidade se estabeleça entre dois seres.

Insisto nesta figura, porque a comunidade reproduz o processo de simbiose, comprometendo indivíduo e grupo. A comunidade não pode ser vista, em hipótese alguma, como um inimigo potencial — ou até atual — um cerceador de liberdade ou castrador de personalidades, porque as atitudes que, então, o indivíduo assume emprestarão este colorido a toda a realidade. Porque, tem-se a impressão, que muito do sofrimento que brota da comunidade é, não raro, como que arrancado por nós ou até criado por nós. . .

Van Bavel descreve dois tipos de comunidade: a funcional e a pessoal. A funcional caracteriza-se pelo predomínio do interesse que bem pode ser o trabalho ou um projeto comum ou outra força aglutinante,

que não pessoas. Portanto, o fim, o ponto central que congrega as pessoas em comunidade seria interesse comum dirigido a um objeto, cujo ponto de chegada mais forte seria a produtividade, o fazer algo. Enquanto que a comunidade pessoal é orientada mais pelo estar-junto, pelo conviver, pelo relacionar-se, pela relação eu-tu. Dá-se, pois, acento ao valor da pessoa, da presença, da partilha, da reciprocidade (2).

Estes dois tipos colocam-se como que em extremos opostos. Talvez que a realidade nossa conhecida não nos apresente, na vida religiosa, tipos tão puramente extremados. O mais comum que sói acontecer e apresentar um tipo misto, com predominância de uma destas formas. Mais ainda: talvez o grupo que compõe a comunidade não se tenha proposto, conscientemente, um tipo de comunidade. Terá, antes, permitido que, em sua volta, se fosse formando uma comunidade com predominância de um destes extremos e se deixou levar pela situação criada, aceitando-a e vivendo-a, numa palavra: acostumando-se. Quem "se acostuma" não se questiona nem luta. Ali está o constante desafio para alguém que se inseriu num grupo: não viver no grupo ou dentro do grupo apenas, mas viver o grupo. Viver o grupo (verbo transitivo) é fixar-se em alguém, ter alguém por objeto. "Ser atraído é ser transformado. Cada vez que você é atraído por uma pessoa ou por um objeto ou por pensamento, você está obrigado a sacrificar qualquer coisa de você mesmo. E só lhe será restituído, na medida em que o tiver abandonado."

do. É uma lei da vida. Obter tudo sem nada sacrificar não corresponde à realidade. A razão é que duas coisas não podem existir no mesmo lugar e ao mesmo tempo. E sem sacrificar nada se pode obter” (3).

O grupo revela os dois componentes implicados na gestação: **as pessoas que se congregam e o resultado desta união: a comunidade**, ambos unindo-se e precisando-se como mãe e filho na fase da gestação. Quanto mais fundamental for esta fusão, mais os dois elementos estão aptos a partir para uma terceira dimensão: o **Povo de Deus**, a Igreja, o mundo dentro do qual a comunidade está plantada. Uma comunidade bem estruturada forma um todo, onde o religioso se realiza e amadurece, ao mesmo tempo que ajuda a realizar e amadurecer o plano de Deus. Se as pessoas e a comunidade se repelem correm risco de provocar um aborto que trará conseqüências desastrosas não apenas para a comunidade em si, mas para a Igreja toda. Porque, quem se compromete com uma comunidade religiosa, compromete-se com a Igreja e neste compromisso vamos, dentro de nossas limitações, re-vivendo e re-produzindo o prodígio de Pentecostes: pessoas diferentes, às vezes de nacionalidades diversas, participam da mesma vida e missão numa íntima fraternidade. São assim testemunhas eloqüentes da vida de Deus Trino na sua Igreja, da mesma comunhão eclesial, e agem como fermento de comunhão. . .(4).

A Conferência de Puebla coloca em foco a evangelização, levando a Igreja latino-americana a debruçar-

se, mais uma vez, sobre este importante legado do Cristo — a missão por excelência da Igreja: evangelizar e, por conseqüência, a missão de todos os que pertencem à Igreja, destacando-se aqueles que, por chamado e resposta, fazem profissão de transformar suas vidas em constante e acesa pregação do Evangelho, uma vez que abraçaram a vida evangélica por norma de viver. Deus, em seu amor, envia o Filho que, através dos tempos, perpetua sua presença pelo Evangelho, levando a todos os cantos da terra. Deus envia. Cristo envia. A Igreja envia. É o movimento invasor que abrange as almas colocando-as dentro da dinâmica de Deus. **Entrar na dinâmica de Deus** é o importante. Daí ao termo “evangelizar” está sempre conotada a idéia do dinamismo: a força da semente ou do fermento de que fala Cristo. Significa: o homem é tomado pela força de Deus e torna-se, por sua vez, uma força de Deus que, qual fermento, se vai insinuando na tessitura histórica, fazendo o evento-Cristo irromper, sempre de novo, cá e lá, na face da história.

Esta realidade pode ser expressa com mais simplicidade: levar a mensagem de Jesus. Levar a Boa-Nova. Curta expressão que encerra uma eternidade do amor do Pai e uma história inteira do homem, mas que se pode circunscrever à história de um homem, a quem foi dado compreender os mistérios do Reino dos céus. Evangelizar não é apenas passar adiante um punhado de relatos de luminosos ensinamentos. É também descobrir aquela essência que, penetrando o homem, fá-lo

“novo”, quando a novidade do Evangelho se apossa dele e lhe fornece uma ótica para guiar-se e guiar. O cristão — não custa lembrar — é aquele que reproduz Cristo em si e não apenas o aceita. Para poder levar, deve antes o cristão armazenar em si o Cristo, porque, segundo Puebla, uma das atitudes que revelam a autenticidade de evangelização é a “santidade do evangelizador” (5). Santidade é a forma de realizar a vontade do Pai, como o expressou Cristo. É igualmente o efeito concreto e visível de quem aceitou Cristo. É o homem recriado pela graça de Deus e re-colocado na beleza de seu relacionamento com o Pai, com o irmão, com o criado, ainda que convivendo, no tempo, com a maldade mais ou menos institucionalizada.

Levar a mensagem da Boa-Nova — a toda parte e a todos os homens — é o fogo que, um dia, Cristo passou aos seus seguidores e que continua a queimar como exigência que impôs, pois fogo veio ele trazer (Lc 12,49). Evangelizar se torna uma decorrência obrigatória de quem se encontrou com o Senhor e sua mensagem e encerra uma série de exigências, podendo mesmo chegar ao extremo: implicar toda a vida, colocando-a a serviço da evangelização, como fala S. Paulo tantas vezes. Evangelizar é viver dentro do ritmo do Evangelho. É descobrir e, embevecido, levar a descobrir. É comungar e levar comunhão. É entender a presença de Deus na história e fazê-la perceptível. É elaborar, dentro de si, o diálogo com Deus. É encontrar sentido para os fatos da história e ajudar o homem

a situar-se neles. É descobrir as tortuosidades do plano de Deus desfigurado pela ação do homem e reencontrar as coordenadas como traçou Deus. É divisar o caminho certo e sinalizado, entre tantos outros, e ensinar o homem a decifrar os sinais e conservar-se dentro das linhas de segurança. Evangelizar é tornar atuante a vitalidade trazida por Cristo e fazer com que todos tenham vida em abundância. É permitir que a semente, lançada um dia, germine no concreto da história. É ter a sensibilidade de perceber que Deus visita, continuamente, os homens e ajudá-los a perceber este hóspede, em circunstâncias nem sempre favoráveis. Evangelizar é falar e é guardar silêncio. É procurar e receber. É correr mundo, percorrer estradas, é saber ouvir Deus na oração e na contemplação, na penumbra do templo e em pleno céu aberto. É manejar a espada no vale e é erguer os braços ao Pai, no sofrimento, na inércia não buscada. Estar perto e estar longe, mas ter o coração ligado, no sentido de saber que em mim tudo se torna salvador, na proporção em que me conscientizo de que Deus opera a salvação através do homem. Necessária se faz uma consciência aguda da técnica de Deus em operar a salvação, desconcertante, por vezes, aos nossos cálculos humanos, através de nosso trabalho evangelizador, sem excluir as imperfeições e sem anular o trabalho por causa das limitações nossas. Só assim a gente se coloca, na totalidade, a serviço dele e tem coragem de se “consagrar”: e consagrar-se é colocar-se totalmente a serviço do mistério da salvação.

Nasce daí o zelo que agiliza nossa disponibilidade: quando Deus se apossa do homem nascem gigantes como S. Paulo, rasgando um rastro de presença de Deus no meio dos homens. E quando um grupo de homens ou mulheres se deixam assim converter, brota a comunidade evangelizadora.

Comunidade evangelizadora

Fala Puebla: "O evangelizador precisa de critérios e sinais que permitam discernir o que efetivamente corresponde a essa fé e missão da Igreja, ou seja, à vontade do Senhor" (6). Fica claro: o evangelizador se deve colocar diante do conteúdo evangelizador da Igreja e fazer uma re-eleitura correta, como acentua João Paulo II. Mas o evangelizador deve, da mesma forma, tornar-se ele mesmo critério e sinal desta evangelização. Não é marcado como transportador da mensagem, mas sua vida é mensagem. Uma comunidade assim imbuída do desejo de testemunhar sua fé torna-se dinâmica, isto é, ativa, criadora, movimentada, viva, desperta, atenta, presente, aguda, perspicaz, enérgica, profética, esperançosa, responsável, consciente, solidária, lutadora, convicta, servicial. Não se planta num lugar geográfico, fechada em si mesma, encasulada em sua própria problemática ou em sua própria felicidade. Mordida pelo zelo torna-se um foco irradiador da mensagem, concentrando o seu sentido de ser e existir na busca da vontade de Deus.

Diz o documento de Paulo VI *Evangelii Nuntiandi*: aqueles que acolhem com sinceridade a Boa-Nova, por virtude deste acolhimen-

to e da fé compartilhada, reúnem-se, portanto, em nome de Jesus, para conjuntamente buscar o Reino, para o edificar e para o viver. Eles constituem uma comunidade, também ela evangelizadora (7). Parece-me válido debulhar este trecho e analisá-lo, por partes, para percebermos uma série de notas que devem informar uma comunidade que deseja ser evangelizadora:

a. **Aqueles que acolhem com sinceridade a Boa-Nova:** é o primeiro esforço que se pede. Acolher, pôr para dentro, franquear a entrada a esta Boa-Nova. Não apenas no sentido de abrir a inteligência, mas o coração, para que ela possa operar em nós a conversão. Ou melhor dito: para iniciar em nós um sério processo de conversão. O mesmo documento diz, um pouco adiante: "pelo mais profundo do seu ser (os religiosos) situam-se de fato no dinamismo da Igreja, sequiosa do Absoluto de Deus e chamada à santidade. É dessa santidade que dão testemunho. Eles encarnam a Igreja desejosa de se entregar ao radicalismo das bem-aventuranças" (8). Quem acolhe o Evangelho, acolhe a vontade firme de abraçar no radicalismo, isto é, de forma a deixar atingir a raiz da gente, para a conversão, começando no âmago de nós mesmos, se derrame por todo nosso ser e transpareça em todo nosso proceder. Ser e aparecer, para não se tornar só parecer. É deixar-se tomar pela idéia condutora: a santidade. Quanto se deve pensar sobre isso, para desenvolver ao termo "santidade" seu verdadeiro conteúdo e para traduzir em vida o programa imenso encerrado nesta curta palavra!...

Porque, do que a Igreja e o mundo precisam, no momento, é de comunidades de santos. Teríamos, aqui, como que uma primeira nota caracterizadora de uma comunidade evangelizadora: ser composta de pessoas que buscam a santidade, porque abraçaram com sinceridade a Boa-Nova. . .

b. **A fé compartilhada:** a fé está à base da comunidade, uma vez que ela pode ser regida por princípios sociológicos, mas guarda sempre algo que lhe é característico e foge à esquematização normal e que, no caso, se torna o ponto nevrálgico: o crer numa realidade que transcende as aparências humanas, tão presentes no grupo, em forma de limitações e imperfeições, tanto mais presentes e sentidas quanto mais o homem se esforça por superá-las. Somente a fé compartilhada ajunta energias suficientes para fazer com que preservem as comunidades existentes, tentando superar o humano que tanto pesa, e haja forças de formar novas, apesar das experiências que foram e são. Assim, Deus por estas comunidades se digna continuar a marcar presença no meio do povo que o procura com sofreguidão, no sofrimento de tempos de provação. João Paulo II lembrava aos sacerdotes e religiosos no México: “Sois servidores do povo de Deus, servidores da fé. . .” (9). Servidores: que trabalham pela fé, pela difusão da fé, pelo reavivamento da fé, para que a fé esteja presente na vida do homem. Mas trabalham também com a fé, da qual lhes nasce a coragem de enfrentar, mesmo as situações ambíguas da história pessoal, da Igreja e do Instituto,

ou até obscuras. Servir a fé e viver da fé. Na mesma viagem ao México, o Papa dizia às religiosas: “É a fé que vos fará superar toda incerteza acerca de vossa própria identidade, que vos conservará fiéis a essa dimensão que é essencial para identificar-vos com Cristo, a partir das bem-aventuranças. . .” (10). Essa fé pura e autêntica se faz necessária, pois havia dito, pouco antes, o mesmo Papa: “quando se obscurecem as certezas da fé, se apresentam motivos e razões para busca de novos horizontes e experiências, talvez com pretexto de estar perto dos homens, ou mesmo de grupos bem concretos, escolhidos com critérios nem sempre evangélicos” (11). Portanto, estabelece o Papa, com clareza, o dilema: ou a fé pura ou os pretextos e desculpas. Ou se vive na realidade — mesmo que penosa — ou se mergulha na camuflagem da incerteza. Ou vivemos o que prometemos, ou criamos nossa regra de vida, na independência dos outros, da história de nossa comunidade, do plano de Deus. Dizia ainda João Paulo II às religiosas: “não esqueçais nunca, queridas religiosas, que para conservar um conceito claro do valor de vossa vida consagrada necessitais de uma profunda visão de fé que se alimenta e se conserva com a oração” (12). Teríamos, aqui, uma segunda nota da comunidade evangelizadora: ela se compõe de pessoas de fé, que fundiram sua fé, colocando-se, como comunidade, à escuta da vontade do Pai.

c. **Reúnem-se em nome de Jesus:** re-unir, não insinuando o voltar a unir-se, mas no sentido de reforço, significando solidez, firmeza, que

tem conteúdo para segurar. A razão que empresta toda a força ao reunir-se é Jesus. Reunir-se em nome de Jesus. Do conhecimento evangélico das atitudes de Cristo nasce o desejo de juntar-se a outros animados do mesmo ardor, para, em comunidade, realizar a caminhada histórica. Os primeiros cristãos experimentaram, de imediato, a necessidade de formar um grupo, onde o “comum” se tornou lei fundamental. Não apenas uma só fé, um só Cristo, mas tudo quanto se fazia necessário para dar resposta às necessidades da vida era posto em comum, até as fraquezas que geravam divergências e problemas, o que levava os primeiros cristãos a procurar juntos respostas para a superação. É sumamente importante lembrar que tanto eles, então, como nós, hoje, nos reunimos **em nome de Jesus**. É a partir dele que se torna possível a nossa opção, uma vez que no início da vida religiosa sentem-se mais fortemente a presença do chamado, mas que, com o correr dos dias, reclama-se uma constante vigilância para senti-lo junto à gente. Tê-lo presente como inspiração nos momentos em que somos como que paralizados por forças adversas dentro de nós, manietados por forças das instituições mal compreendidas e mal interpretadas, ou — o que é mais freqüente — anulados por forças dos membros da comunidade, precisamos, como Pedro e João, gritar a nós mesmos: em nome de Jesus, levanta-te! (At 3,6). No Plenário de Puebla, o Papa exclamava: “A partir desta fé em Cristo, nós somos capazes de servir o homem, os nossos povos e de interpenetrar

com o Evangelho a sua cultura, transformar o coração e humanizar sistemas e estruturas” (13). É sempre a mesma e singela afirmação que repetimos e aconselhamos aos outros, mas que é a única capaz de funcionar na vida concreta nossa: é por causa de Jesus que assumimos esta função. Por isso, cada um e a comunidade marcham para uma transfiguração, não num instante ou num momento, nem em longes futuros, mas que se vai operando, lenta e seguramente, na medida em que o homem e o grupo se abrem a Cristo e tentam ser **conseqüentes**, isto é, sabem relacionar o momento presente com outro momento: o de sua consagração. Se realmente, te consagraste, o que fazes, o que sofres, o que planejas, o que prevês, o que te é pedido, tudo participa ou decorre desta consagração. É daqui que nascerá tua **visão consagrada**, o que te permite ter reações diferentes da vida e do que ela te pede no sentido de realizar a missão de Deus aceita com a consagração. Onde, aqui, uma terceira nota da comunidade evangelizadora: a consciência de se ter reunido em nome de Jesus.

d. **Para conjuntamente buscar o Reino, para o edificar e para o viver:** vem, aqui, expressa a finalidade: buscar o Reino. Aquele Reino que o Cristo veio implantar, que é a restauração do plano de Deus para um homem na história concreta. Se o homem veio de Deus e para Deus caminha, em Deus deve viver a caminhada entre estes dois pontos. Outra vez, a coisa é simples, é clara. Mas nós teorizamos sobre, ideologizamos as grandes linhas, torcemos

e re-interpretamos ao nosso gosto e, com isso, chocamos os nossos projetos com o projeto do Pai e ficamos, então, descobrindo impossibilidades e incompatibilidades, chegando mesmo à tentativa de impor nosso plano em substituição ao de Deus. Com isso, vemos pouco Deus no nosso agir. Daí a sensação que em nós fica: escrevemos muito sobre o Reino, discutimos muito como deveria ele ser, mas pouco vemos do que Cristo falou a respeito. Sobretudo, como é difícil aceitar as exigências do Reino! Aquela simplicidade do primeiro grupo que iniciou o movimento do Reino, de que nos falam os Atos parece tão impossível de ser re-encontrada hoje, e principalmente de ser criada. No entanto, o Reino coloca-se como finalidade da vida em comum, na qual homens e mulheres se reúnem e desafiam — através dos tempos e das mutações — uma série de formas exigenciais e levados pelas energias deste Reino consagram-se a Deus, numa dedicação aos homens, que ainda hoje arranca admiração da Igreja: “É motivo de alegria para nós, Bispos, verificar a presença e o dinamismo de tantas pessoas consagradas que, em toda a América Latina, dedicam sua vida à missão evangelizadora, como já o fizeram no passado” (14).

O texto do *Evangelii Nuntiandi*, acima citado, emprega três verbos: buscar, edificar, viver. **Buscar**: como alguém que anda procurando, sabe que existe, mas não sabe onde. É verbo de compromisso, porque põe a caminho. João Paulo II, falando das dimensões da fidelidade de Maria, lembra que “a primeira dimen-

são se chama **procura**. Maria foi fiel, antes de tudo, quando, com amor, se pôs a procurar o sentido profundo dos desígnios de Deus nela e para o mundo” (15). A comunidade desperta, desencadeia toda sua criatividade, põe em movimento todas suas energias, mune-se da fé e lança-se à busca, que se torna nela um estado de espírito. Busca é a nota do peregrino. Há uma certeza-mistério que esconde surpresas e embates, pondo à prova a nossa fé. O caminho existe, mas como que encoberto, e deve ser rasgado à medida que se vai avançando. Quando não mais se busca, instala-se. A busca, porém, só cessa na chegada. O Reino também está em estado de gestação e só eclodirá, em plena formação, na plenitude dos tempos. Até lá a busca do homem e da comunidade colabora com a construção do Reino. Porque o homem sabe disso, se põe ele a serviço deste Reino, como indivíduo e como comunidade. **Edificar**: este verbo expressa a fase da gestação ou elaboração do Reino, que plantado no coração da humanidade, vai influenciando, já agora, o momento presente, enquanto vai, ao mesmo tempo, tomando forma. Não é algo inteiramente para vir. É uma força presente, atual, viva, influente, avassalante, envolvente. E sujeita ao homem. Talvez, melhor dito: entregue ao homem. Deus concede ao homem a graça e a missão de edificar o Reino. Daí a escolha que Ele sempre faz de homens e mulheres, em todos os tempos, para que assumam, como tarefa de sua vida, a edificação do Reino (Ef 4,12; Cor 14,12). Edificar supõe planejamen-

tos, material, capacidade, harmonização e unidade entre os responsáveis, fidelidade aos planos e plantas, caso contrário nenhum plano se concretizará em edifício. Lembremos da torre de que fala Cristo no Evangelho (Lc 14,28s). Se cada empregado ou responsável quiser impor seu ponto de vista ou suas arbitrariedades jamais brotará um conjunto arquitetônico. Até pode ser causa de ruína, como o ensinou a torre de Babel. E quantas falhas desfiguraram já o edifício do Senhor, nascidas da falta de coordenação e obediência de uns aos outros!... **Viver:** mas o Reino não é algo construído inteiramente fora de nós ou nos outros, como se fôssemos manipuladores tão somente. Ele se edifica a partir de nós, porque está dentro de nós. Eu o construo em mim e nos outros, na medida em que o construo junto. Se o construo só nos outros, sou alienado ou interesseiro. É o viver que funde num todo o buscar e o edificar. A comunidade que vive o Reino torna-se uma edificadora, vivendo a dinâmica agilizante da busca. A comunidade deve transmitir mensagens. Melhor: deve ser mensagem. Ou talvez, contentar-se com dar um **recado**, já que recado é bem mais nosso de cada dia do que o solene vocábulo mensagem... Apareceria, aqui, uma quarta nota da comunidade evangelizadora: ela existe para buscar, edificar e viver o Reino.

Reforços de Puebla

Puebla, no capítulo dedicado à vida consagrada, dedica uma parte à comunidade fraterna. Vamos res-

pigar este trecho, do qual sairão outros elementos para caracterizar mais profundamente e mais amplamente uma comunidade evangelizadora:

- Constata-se que existe uma tentativa de dar ênfase às relações fraternas inter-pessoais.

- Como base da convivência valorizam-se: a amizade, a sinceridade, a maturidade, o diálogo e a participação.

- Tudo isto cultivado dentro da dimensão de fé: foi Jesus que os chamou a este estilo de vida singelo e acolhedor.

- Há diversos estilos de vida comunitária: as comunidades numerosas e as "pequenas comunidades", estas últimas nascidas do desejo de inserir-se em bairros modestos ou no campo, ou de uma missão evangelizadora especial, levando às opções preferenciais.

- Experimentam-se, no entanto, dificuldades especiais: proximidade das pessoas e diferença de mentalidades, quando diminui o sentido da fé ou quando não se respeita o devido pluralismo ou a fé é substituída por outras "motivações".

- Na América Latina, a tendência mais em evidência: abertura pastoral das obras e opção preferencial pelos pobres, o que colocou em maior evidência a relação das obras com a pobreza dos marginalizados.

- Esta tomada de posição supõe o desprendimento interior e a austeridade comunitária, convivência com os pobres, mudanças e desalojamentos.

● Os efeitos podem ser negativos quando faltar apoio comunitário, maturidade pessoal, motivação evangélica.

● Redescoberta e vivência do mistério da Igreja particular, com participação e integração pastoral de conjunto.

● Não deixam de existir, porém, algumas tensões das comunidades ou destas com os bispos: obnubilção da missão pastoral do bispo ou do carisma do Instituto, falta de diálogo e discernimento conjunto, abandono indiscriminado de obras tradicionalmente dirigidas por comunidades religiosas.

● Ênfase às comunidades contemplativas, que são vistas como coração de vida religiosa, valorizando e colocando, assim, em sua verdadeira dimensão apostólica e evangélica a oração. A oração individual e comunitária vai, aos poucos, não apenas reaparecendo na vida religiosa, como vai assumindo, sobretudo, sua verdadeira dimensão mística, aspecto sem o qual não haverá evangelização, uma vez que esta se encontra profundamente enraizada na fé.

As comunidades religiosas são a continuação e o desdobramento das comunidades reunidas em nome de Jesus, tentando, nas vicissitudes de cada tempo, marcar a presença apostólica, isto é, uma presença à **semelhança** dos apóstolos e à **maneira** dos apóstolos. Trazem, portanto, em seu bojo, aqueles elementos vitalizadores e fecundantes que Cristo deixara naquelas comunida-

des que iniciaram o trabalho que elles confiara: estabelecer e dar forma ao Reino. Assim, toda comunidade que se reúne em nome de Jesus — forçosamente toda comunidade religiosa — é evangelizadora. Daí ser ela possuidora de uma dupla força que é, ao mesmo tempo, sua dupla missão: para fora (ad extra) e para dentro (ad intra).

O primeiro campo que a comunidade recebe para cultivar e amai-nar é ela mesma. É ali que começa a primeira e mais fundamental tarefa — e talvez o mais penoso trabalho — porque para ser ela um instrumento de evangelização deve, como tal, estar cultivada, podada, convencida e convertida. Cabe-lhe viver, em profundidade, as realidades que prega e as exigências que proclama. Deve colocar-se em perpétuo estado de conversão. Cada irmão deve estar posuído do zelo sincero a respeito do irmão e do grupo, no sentido de desejar afetiva e efetivamente que, como grupo, todos alcancem seu objetivo existencial: chegar ao Pai. Ao desejar deve acrescentar o ajudar. E aqui se afirma uma profunda verdade: se a comunidade não tem em si mesma a experiência profunda de salvação, terá dificuldades em ser portadora. As forças espirituais que a comunidade amarra, emperra ou anula em si mesma, tornam-se amarradas, emperradas, anuladas para toda a Igreja. Se a comunidade não cultiva em seu seio a salvação, não terá capacidade interna para levá-la para fora dela. Porque a comunidade não é apenas uma como “intermediária” ou “interceptadora” entre o produtor e o consumidor. Ela é elabora-

dora de salvação — para si e para os outros — e só passará adiante aquilo que vive. Assim, para que haja uma ação organizada sobre o povo de Deus, precisa, antes, organizar-se em si mesma. A seriedade com que mergulha na conversão comunitária vai transformando-a numa realidade convertida, numa conversão viva. Por isso, comunidade em dinâmica de conversão é energia à disposição de Deus. Acentuo: dinâmica de conversão e não conversão apenas, porque a comunidade não é o ponto de chegada do grupo, mas a atmosfera, o chão, dentro dos quais respiramos e caminhamos rumo à consumação.

Só quem se coloca sob o impulso do Espírito Santo está suficientemente repleto de luzes para sacudir a inércia e o torpor que invadem os membros do povo de Deus. Só quem já se pôs a caminho está em condições de mostrar o caminho. Quem já pôs, com firmeza, a mão no arado está apto a orientar os cultivadores da terra de Deus. Onde sermos constantemente convidados a rever pontos fundamentais de dinamização de nossa presença, para que ela possa causar impacto:

- Vejam como se amam.
- Vejam como cultuam a Palavra.
- Vejam como rezam.
- Vejam como têm tudo em comum: bens, talentos, projetos, fraquezas.
- Vejam como se refazem pela fração do pão.
- Vejam a generosidade e a sabedoria em conversar.

— Vejam sua alegria em viver e sofrer.

— Vejam como convivem com os irmãos.

Porque a questão é **deixar ver**. Que os homens vejam nossas boas obras, dizia o Cristo (Mt 5,16). Porque é vendo que glorificam o Pai, no qual cremos: é sobejamente sabido que o exemplo, entrando pelos olhos, convence mais que as palavras que entram pelos ouvidos, por mais bonitas que sejam. A comunidade religiosa é energia solta na medida em que leva os homens a acreditar e professar os valores eternos. Na medida em que for capaz de ensinar aos homens que Deus, entrando numa vida, modifica o homem a ponto de fazê-lo abandonar tudo e entregar-se a serviço deles, por causa dos valores do Reino. O móvel é o amor de Deus. Num mundo de amor mercantilizado, o amor puro feito comunidade afirma-se de forma eloqüente. Num tempo em que a amizade se maculou, a convivência pura da comunidade lembra aos homens os laços que Deus estabeleceu entre os homens. Numa sociedade, onde tudo se compra, se vende ou se aluga; o serviço desinteressado, feito comunidade perpetua o exemplo do Filho de Deus que veio para servir. Para uma humanidade engolfada em valores humanos e materializantes, uma comunidade que professa os valores eternos pela oração, transforma-se num centro de comunhão do homem com Deus e cria — melhor: ajuda a criar — aquela atmosfera que os homens procuram e nem sempre sabem definir, mas quando a encontram sabem com-

prender. Numa fase da história assumida pelo sensualismo e erotismo, uma comunidade que dá testemunho da castidade pelo Reino dos céus, ajuda a recolocar a sexualidade em seu legítimo lugar e recuperar o valor do homem em sua totalidade, alma e corpo. Numa estrutura pecaminosa, onde a opressão está à mercê de um grupo de homens que subjagam os irmãos, gerando a revolta e o desespero, uma comunidade que dimensiona a vida dentro da obediência respeitosa à pessoa e a um plano de Deus, faz brilhar, com mais clareza, a liberdade dos filhos de Deus e seu justo uso, sem opressores nem oprimidos. Quando um pequeno grupo conseguiu fazer o grande grupo dos "pobres" e marginalizados, uma comunidade que se esforça (poucos pontos reclamam tanto esforço como este) por viver a pobreza das bem-aventuranças, torna-se pregação viva da justiça e só ela dará sentido a qualquer opção pelos pobres, porque o muito falar e o muito escrever não resolvem o problema sem o deixar ver, para que possam dizer: vejam como vivem pobres, voluntariamente, porque à base está um grande amor. Num mundo em que o homem, embora vivendo na massa, se sente solitário, a comunidade unida ergue-se como um sinal de amizade, de companhia, de comensalidade à mesa do Senhor, de companheiros de caminhada. Quando não mais há clareza sobre mandar, co-mandar, obedecer, co-responder, uma comunidade organizada hierarquicamente mostra que acima de todas as vontades está a vontade de Deus e que os projetos huma-

nos, tanto individuais como os da comunidade, não são os únicos da história, mas que existe um plano de Deus a exigir o sacrifício da própria vontade (16). Como sempre, mas agora de modo mais acentuado, geme o homem sob a cruz que lhe é imposta sob condições diversas, precisando de uma comunidade que assuma o sofrimento como função salvadora e co-redentora para ajudar o homem a resolver o sofrimento e con-viver com ele, sob a luz da eternidade. Às religiosas, no México, lembrava o Papa: "lembrai-vos que sois místicas esposas de Cristo e de Cristo crucificado" (17). É assim que a comunidade se vai tornando apostólica e evangelizadora, como fala a **Evangelii Nuntiandi**: "Este seu testemunho (dos religiosos) silencioso, de pobreza e despojamento, de pureza e de transparência, de entrega para a obediência, pode tornar-se, ao mesmo tempo, que uma interpelação para o mundo e para a própria Igreja, uma pregação eloqüente, capaz de tocar o coração mesmo dos não-cristãos de boa vontade sensíveis a certos valores" (18).

Que Deus também veja

A comunidade deve deixar-se ver também por Deus. Para tanto deve desenvolver intensa vida de comunhão com ele, que poderia ser caracterizada pela expressão **vida contemplativa**, ou como se costuma falar — e o Papa também o faz —: dimensão vertical. É a evangelização encontrando-se com a oração. Às Superiores Gerais falava o Papa: "o religioso é um homem consagrado a Deus, por meio de Cristo,

na caridade do Espírito. É um dado ontológico que aspira subir à consciência e orientar a vida, não só para benefício de cada particular, mas também para vantagem da comunidade inteira, que nas almas consagradas experimenta e saboreia, de modo particularíssimo, a presença vivificante do esposo divino". E continuando mostra como a comunidade orante ocupa um lugar predominante no apostolado eclesial, tema aliás, freqüentemente abordado pelo Papa, desde sua ascensão: "Não deveis temer recordar freqüentemente aos vossos irmãos que uma pausa de verdadeira adoração tem maior valor e fruto espiritual do que a mais intensa atividade, mesmo que seja apostólica. É esta a "concentração" mais urgente que os religiosos devem opor a uma sociedade em que a eficiência se tornou ídolo, sobre cujo altar, não raro, se sacrifica até a dignidade humana. As vossas casas devem ser sobretudo centros de oração, de recolhimento, de diálogo — pessoal e comunitário, — com aquele que é e deve continuar a ser o primeiro e principal interlocutor na seqüência operosa dos vossos dias..." (19).

Na oração e na contemplação, o indivíduo e a comunidade colocam-se, de forma consciente, sob o olhar de Deus. Buscam a face de Deus, não só para olhar para ele, mas para permitir que ele olhe para eles. O verdadeiro profeta vê a Deus e se deixa ver por ele. O olhar que se fixa em Deus adquire a capacidade de olhar para os homens. Não querer apenas ver o homem e antes de tudo o homem, porque o homem só se dimensiona quando se relaciona

com Deus. Se você não se coloca na dimensão de Deus, não tem medidas para medir o homem. Fala claro o documento de Puebla: "São (os religiosos) particularmente chamados a viver em comunhão intensa e constante com o Pai, que os torna repletos de espírito, unguendo-os a construírem a nova comunhão entre os homens. A vida consagrada é, assim, uma afirmação profética do valor supremo da comunhão com Deus e entre os homens, e um exímio testemunho de que o mundo não pode ser transfigurado nem oferecido a Deus sem o espírito das bem-aventuranças" (20). Ou mais claramente ainda: "A comunidade que, na liturgia, celebra alegremente a Páscoa do Senhor, sente o compromisso de dar testemunho, catequizar, educar e comunicar, por todos os meios, a Boa-Nova."

É desta oração profunda — particular ou coletiva — que o indivíduo e a comunidade alimentam "o clima de intensa e amorosa comunhão com Deus" com a qual poderão levar adiante, "sem tensões traumáticas ou debandadas perigosas, aquela renovação da vida e da disciplina, a que vos obrigou o Concílio Vaticano II", diz o Papa às Superiores Gerais. A comunidade contemplativa se observa profundamente a si mesma, deixa-se perscrutar por Deus. Vive da fé. Observará, depois os homens e deixar-se-á esquadrihar por eles. Não será ela objeto de desconfiada observação, como não irá ao homem no espírito do naturalista ou botânico à cata de experiências. Será um espaço repleto de Deus, mas, ao mesmo tempo, um imenso espaço vazio capaz de

recolher a todos os homens, como um dom de Deus, a todas as exigências como vontade do Pai, a todas as descobertas como revelações da presença da Trindade, no nosso hoje. Assim, tanto a comunidade como o indivíduo de profunda **escuta**, torna-se comunidade ou indivíduo de intensa **busca** e realizador de **encontros** em profundidade. É den-

tro destas dimensões que a gente se sente, em verdade, com-prometido com Deus e com os irmãos. Quando um grupo de religiosos assim com-prometidos se reúnem numa comunidade evangelizadora, possuída pelo Espírito, refazem os caminhos dos Atos dos Apóstolos: Deus volta sempre de novo à sua terra bem-amada.

NOTAS:

(1) **Moines d'Aujoud'hui**, Epi Éditeurs, Paris, 1972, p. 372. (2) **O Núcleo da Vida Religiosa**, Ed. Vozes, 1978, p. 144s. (3) **Aux Sources de la Joie**, Amanda Moyi. Trad. H. Hubert, Éditions Ophris, Paris, 1943, p. 13. (4) Documento de Puebla, Ed. Paulinas, 1979, n. 594. (5) *Ibidem*, n. 262. (6) *Ibidem*, n. 264. (7) **Evangelii Nuntiandi**, Edições Loyola, 1976, n. 13. (8) *Ibidem*, n. 69. (9) **João Paulo II em Puebla**, Ed. Paulinas, 1979, p. 33. (10)

Ibidem, p. 34. (11) *Ibidem*, p. 33s. (12) *Ibidem*, p. 34. (13) *Ibidem*, p. 50. (14) **Documento de Puebla**, n. 567. (15) **João Paulo II em Puebla**, p. 10. (16) João Paulo II às Superiores Gerais, em Roma, 16-11-78. **L'Osservatore Romano**, 26-11-78. (17) **João Paulo II em Puebla**, p. 35. (18) **Evangelii Nuntiandi**, n. 69. (19) Às Superiores Gerais, em Roma, 24-11-78. **L'Osservatore Romano**, ed. port. 2-12-78. (20) Documento de Puebla, n. 586.

BETÂNIA, CASA DE ORAÇÃO

“Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la em lugar escondido ou debaixo do alqueire, e sim sobre o candelabro a fim de que os que entram vejam a luz”, Lc 11, 33.

Irmã Isabel Fontes Leal Ferreira

Rio de Janeiro — RJ

Este artigo está bem longe de ser “sermão encomendado”, e também não pretende “fazer propaganda”. Brotou do Evangelho que “é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rom 1,16) e foi inspirado pela palavra de Jesus: “Ninguém acende uma lâmpada para colocá-la em lugar escondido ou debaixo do alqueire, e sim sobre o candelabro, a fim de que os que entram vejam a luz” (Lc 11,33). Refere-se a um tema de grande importância: a oração; e apresenta um ambiente concreto especificamente favorável ao seu desenvolvimento. Meu desejo, ao escrever, é partilhar, dividir com outros, com muitos se possível, uma experiência riquíssima que tive a felicidade de provar, de conhecer e de viver.

Necessidade da oração

A necessidade da oração na vida cristã e na vida espiritual é questão pacífica e fato indiscutível. A ora-

ção é uma necessidade não porque Deus precise dela ou de nós, mas porque nós precisamos dele (cf Mt 26,41; Mc 13,33; Lc 21,36; 18,1). Ninguém pode pretender viver o Evangelho sem tomar a sério o que disse Jesus sobre a oração e os exemplos que deixou sob este aspecto. Deu-nos as diretrizes básicas para a verdadeira oração, ensinou-nos a rezar e mostrou como a oração é sempre necessária e como são indispensáveis os tempos fortes de oração. Não só na vida de todo dia — oração contínua, espírito de oração (cf. Lc 18,1; ITs 5, 17) —, mas antes e mesmo depois de grandes decisões, de acontecimentos importantes, Jesus recorria à oração e chegava a passar noites inteiras mergulhado nela.

A oração verdadeiramente evangélica, a que Jesus viveu e ensinou, nunca pode ser causa nem consequência de alienação. Exercitamos nossa liberdade e fidelidade criativas escutando o que o Senhor tem

a dizer-nos e procurando responder-lhe adequadamente (cf. B. Hæring). Este escutar e este responder devem impregnar a nossa vida como disposição habitual. No entanto, é na oração que encontram o clima mais propício para o seu desenvolvimento e aperfeiçoamento.

Quem quer doar-se a Cristo e a seu Evangelho, em atitude de serviço aos irmãos, necessita da oração como de alimento básico.

Uma luz que se acende

Em 1969, surge, de forma melhor delineada, entre as Religiosas da Sociedade das Filhas do Coração de Maria a idéia da fundação de uma casa de oração. Aliás, em 1967, o Pe. Bernard Hæring fizera em Belo Horizonte e em Curitiba uma série de conferências para superiores religiosos; falara, entre outras coisas, sobre Casas de Oração, que seriam "casas contemplativas no meio de Congregações ativas"; "oásis de paz e de silêncio, mantidos por uma pequena equipe permanente onde as outras religiosas, da mesma Congregação ou de outras, viriam renovar sua vida de oração em fraternidade", escrevia posteriormente D. Aracy Cardoso (que se achava entre os ouvintes do Pe. Hæring), num relatório sobre a experiência da Betânia. E ela acrescentava: "A idéia do Pe. Hæring ficou em nosso coração 'como o murmúrio de uma brisa ligeira' ou doce melodia (pano de fundo) que não cessava de tocar".

A idéia, qual semente ainda pequena, começou a ser cuidadosamente cultivada. Evitaram-se a impro-

visação e a precipitação. Durante dois anos, constituiu-se um pequeno grupo de religiosas para refletir sobre as possibilidades de fundação e os detalhes que caracterizariam a Casa de Oração; o Pe. José de Souza Mendes, SJ, participou do grupo e, até hoje, continua interessando-se pela vida da Betânia.

O primeiro passo concreto foi a direção do retiro de uma religiosa de outra Congregação, mesmo antes de ficar pronto o local que se destinaria à Casa de Oração. Os alicerces estavam sendo lançados. Lançados com critério, equilíbrio e solidez. Era a luz que se acendia.

A luz deve ser colocada no alto

No coração da cidade do Rio de Janeiro, na Zona Sul, à Rua Humaitá, nº 172, em Botafogo, no alto de um edifício, foi colocada a nova luz, que se acendia para religiosos e leigos do Brasil inteiro: a Casa de Oração Betânia, até agora uma das poucas no gênero em nosso imenso país.

No Prefácio do livro **Caminhos da Oração**, de D. Aracy Cardoso (publicado pelas Edições Paulinas), D. Albano Cavallin, Bispo Auxiliar de Curitiba, escreve: "... a história deste livro mistura-se com a história e a vida da autora e de uma comunidade das Filhas do Coração de Maria que vivem no 9º andar do Edifício Maria Adelaide e onde funciona a Casa de Oração — BETÂNIA — uma experiência de casa contemplativa em grandes cidades e que vem abrindo novas pistas para a vida de oração no Brasil".

Aos 8 de agosto de 1971, com a instalação solene do SS. Sacramento na capela da Casa de Oração, esta foi considerada oficialmente inaugurada. Promoveu-se logo uma "Escola de Oração": dois cursos ministrados por D. Aracy Cardoso, atualmente Superiora Provincial da Congregação no Brasil. A esta se devem a iniciativa e a fundação da Betânia. Nomeada Superiora Provincial, porém, ela não poderia permanecer fazendo parte da comunidade da Casa de Oração, mas continuaria seguindo e estimulando a sua vivência. A responsável pela Casa seria D. Antonietta de Oliveira Côrtes, vinda de Curitiba especialmente para este fim.

A Casa de Oração

Quem sai do elevador no 9º andar do Edifício Maria Adelaide, sente, de imediato, um clima diferente. Um silêncio profundo e suave, impregnado de sobrenatural, parece estar até no ar que se respira. Menos do que da ausência de ruídos, este silêncio é feito de presença: presença de fé, de esperança e de amor em face do Cristo, e presença do próprio Cristo. O prospecto da Casa de Oração Betânia traduz muito bem o que ela é e o seu programa de serviço aos irmãos, respondendo a três perguntas básicas: Para que? Para quem? Como?

◆ Para que?

Para prestar ao mundo o SERVIÇO da Oração.

Para dar TESTEMUNHO de vida de oração hoje.

Para ACOLHER aqueles que buscam o silêncio e querem rezar.

Para AJUDAR a fazer uma parada para nova partida, a buscar respostas, a fazer opções, a rezar mais, a rezar melhor.

Para DIFUNDIR assuntos relativos à Oração.

◆ Para quem?

Para qualquer pessoa de boa vontade, desejosa de crescer na vida de união com Deus: homens e mulheres, religiosos e leigos, jovens e adultos de todas as condições sociais.

◆ Como?

Através da **experiência de oração pessoal** (encontros a combinar), de **retiros individuais** (orientados ou não, em qualquer época, atendendo a possibilidades e necessidades), **retiro na vida, vida de oração em fraternidade**. A Casa dispõe de oratório com a presença da Eucaristia, biblioteca, sala de música, refeitório, quartos individuais com banheiro, e terraço com bela paisagem. As contribuições são espontâneas e dadas anonimamente.

A Casa de Oração possui uma equipe especializada à disposição dos que a freqüentam. No seio desta equipe e como fruto da vivência na Betânia, já surgiram duas obras de conteúdo sólido e rico, embora de estilos diferentes; ambas serão lançadas em breve e representam valiosos subsídios para o aprofundamento da oração: **Caminhos da Oração**, de D. Aracy Cardoso (Edições Paulinas, com prefácio de D. Albano Cavallin, a quem já nos referimos) e **Um retiro segundo São João**, de Maria de Lourdes Vasconcelos de Oliveira (Edições Loyola, com prefácio do Pe. Paulo Lisboa,

SJ). Neste Prefácio, o Pe. Lisboa refere-se à Betânia: "Além de oferecer ambiente e material para Retiros em sua Casa de Oração(. . .), algumas irmãs se dedicam à divulgação de reflexões atuais no campo da Espiritualidade".

Tudo indica que, realizando uma obra deste teor, as Filhas do Coração de Maria estão desenvolvendo claramente um dos carismas que lhes são peculiares.

A Sociedade das Filhas do Coração de Maria

Nascida na França em 1790, durante a Revolução Francesa, possui atualmente casas em 30 países espalhados pela América, Europa, África e Ásia. Seus fundadores, Pe. Pedro José de Clorivière, SJ, e Maria Adelaide Champion de Cicé tiveram carismas complementares e desta complementariedade surgiu a Congregação, como uma contribuição verdadeiramente profética para a vida religiosa, não só da época de sua fundação, como também para a de nossos dias.

O Pe. Clorivière era um homem de coração e o homem do **essencial**; para ele o que importava era o **SER** religiosa no mundo, como a Igreja primitiva, e, portanto, com flexibilidade em face do secundário. Maria Adelaide desejou a vida religiosa, porém com a possibilidade de sair, de servir aos irmãos, aos pobres; por conseguinte, sem hábito e sem clausura (e isto numa época em que não se concebia a vida religio-

sa a não ser em convento). Assim, a flexibilidade da Congregação que ambos fundariam possibilitaria uma gama infinda de modalidades de vida e de apostolado: na Casa Religiosa ou na família, conforme as circunstâncias, podendo exercer uma profissão remunerada, contanto que se coadunando com a Vida Religiosa Integral; contemplativas na ação, no meio do mundo, a vida das irmãs se irradiaria nos mais variados tipos de apostolado, sem campo específico, sob duas únicas condições: ter pessoal preparado e atender às necessidades da **Igreja**; as religiosas participariam da dimensão missionária e universal desta, no serviço de amor e doação aos irmãos; ocupar-se-iam de obras promocionais com atividades educativas, culturais e sociais, para crianças, jovens e adultos. A vida comunitária da Congregação apóia-se em valores humanos e espirituais: vida fraterna e disponibilidade, obediência e corresponsabilidade. "A ausência de sinal externo permite maior penetração no mundo, adaptando-se às mais variadas circunstâncias pessoais e sociais" (Prospecto da S.F.C.M.). A espiritualidade é cristocêntrica, eclesial e marial (cf. Prospecto S.F.C.M.). A devoção à Eucaristia é um dos traços dominantes do Sociedade.

Uma grande graça

E uma das obras que esta Congregação fundou e mantém é a Casa de Oração Betânia, que constitui para a nossa cidade e para todo o Brasil uma grande graça. Justamente pelo seu inestimável valor espiritual e sobrenatural, precisa ser

conhecida e divulgada, para que a luz que se acendeu, e que já foi colocada no alto, ilumine a muitos diretamente, e a todos ao menos indiretamente.

Este é o meu desejo. E, por isto, permito-me lembrar a cada leitor: todo conhecimento novo é uma nova luz que se acende dentro de nós; temos, portanto, obrigação de colocá-la no alto. Coloquemo-la de fato, tornando-a conhecida do maior número de pessoas que possamos atingir.

Por esta graça tão grande sejamos gratos ao Senhor, e peçamos-lhe que continue a suscitar na Igreja pessoas que cultivem a oração porque "a oração faz crescer na VIDA". Terminamos usando as palavras com que D. Aracy conclui seu livro sobre a oração: "O importante é que existam pessoas que desenvolvam o carisma que Ihes foi dado pelo Espírito Santo de ajudar outras a crescer na vida de união com Deus para que vivam melhor a vocação de todos nós que é a vocação à santidade."

O SOCIAL EM PUEBLA

“Professamos que todo homem e toda mulher, por mais insignificantes que pareçam, possuem em si uma nobreza inviolável que eles mesmos e os outros devem respeitar e fazer respeitar incondicionalmente. Condenamos todo desprezo, diminuição ou injúria às pessoas e a seus direitos inalienáveis, todo atentado contra a vida humana”.

Pe. Renato Poblete, SJ

Tradução da Irmã Isabel Fontes Leal-Ferreira

Os meses preparatórios da III Assembléia Episcopal de Puebla foram de críticas, temores e esperanças. A maior parte dos comentários dessa época se concentraram no tema social. Como iriam os Bispos convocados para Puebla analisar a realidade latino-americana? Seria um retrocesso de Medellín ou haveria uma atitude crítica animando os cristãos a prosseguirem lutando pelas transformações tão necessárias a este continente?

A julgar pela descrição que os Bispos fazem da realidade, como também pelos elementos que nos oferecem para discernir as diversas ideologias e o compromisso que assumem em relação à defesa dos di-

reitos humanos e ao trabalho em favor de uma libertação integral, vemos claramente que Puebla procura ir até o fundo na fidelidade às exigências de amor e justiça que o Evangelho nos apresenta.

Fiel ao que tantas vezes repete a “*Evangelii Nuntiandi*” que a promoção humana e a defesa dos direitos humanos são parte integral da Evangelização, Puebla assume este fato e, para tratar do tema sobre a Evangelização no presente e no futuro da América Latina, começa com uma descrição da realidade sócio-econômica e política a partir da fé. O tema social, portanto, não é um anexo, mas parte integrante da tarefa evangelizadora.

Os Bispos falam partindo da fé, à luz do Evangelho; comparando-a com os atos e as palavras de Jesus, examinar-se-á a realidade social, econômica e política. Dentro desta perspectiva fundamental, tanto o Papa quanto os Bispos falarão da dignidade humana desrespeitada em nossos países. A fé é o impulso que “nos leva a discernir as interpelações de Deus nos sinais dos tempos, a dar testemunho, a anunciar e a promover os valores evangélicos da comunhão e da participação” (15).

João Paulo II já pedira em seu discurso inaugural que os Bispos fossem mestres da Verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem. Para assumir uma posição integralmente cristã, a tarefa social da Igreja supõe coerência com a verdade de Jesus Cristo, que devemos imitar em seu amor preferencial pelos pobres, em sua preocupação com a justiça e com a fraternidade. A Igreja que, ao longo dos séculos, construiu uma tradição em seu modo de promover o homem de situações menos humanas para outras mais humanas, e que é depositária de um modo específico para defender o homem e para proclamar a justiça, possui uma hierarquia que deve respeitar e, igualmente, ajudar a discernir, junto com toda a comunidade cristã e sob a inspiração do Espírito Santo, a tarefa dos cristãos no mundo (O.A. 4).

A Igreja, conhecedora do pecado pessoal e social, deve procurar levar **todos** ao Pai. Deve, também, ter presente a verdade sobre o homem, sobre sua dignidade pisada pelos que violam seu direito à vida, à

alimentação, à educação, a suas liberdades cívicas e políticas. Por isso, de uma reta antropologia cristã deveria nascer uma eficaz promoção e defesa dos direitos humanos.

Diagnóstico da realidade

A Terceira Conferência quis cimentar solidamente o diagnóstico da realidade, apresentando critérios para uma verdadeira libertação integral. Desenvolveremos, a seguir, o diagnóstico que os Bispos nos entregam. Em primeiro lugar, eles apresentam as esperanças e as aspirações de seu povo, as quais vão captando dia após dia, em suas visitas pastorais.

Eles estão convencidos de que nestes últimos anos houve um “progresso significativo”, o que demonstra que seria possível desenraizar a extrema pobreza e melhorar a qualidade de vida de nosso povo; “se isto é possível, passa a ser uma obrigação” (21). Esta constatação de Puebla impõe um dever moral aos católicos, especialmente aos governantes como administradores e responsáveis pelo bem comum, aos partidos políticos, aos empresários, etc. É a eles que se apresenta o desafio de solucionar esta situação. Os Bispos notam outros progressos, como, por exemplo, a maior consciência que o povo tem de sua dignidade, seu desejo de participação política e social, apesar das dificuldades que encontram hoje para conseguir esta participação. Constatam, outrossim, progressos no campo da educação e dos serviços sociais que já se generalizaram.

As vitórias alcançadas e as esperanças vêm-se prejudicadas pela realidade. Como Pastores, e não como economistas ou sociólogos, observam a realidade. O primeiro aspecto que salta aos olhos são os **grandes contrastes** entre dois mundos que convivem no interior de cada país.

Situam-se dentro do dinamismo de Medellín (25), cuja **visão da realidade** eles também assumem. Desejam compartilhar das “angústias de todos os homens, qualquer que seja a sua condição social” (25). O amor preferencial pelos pobres abrange todos os que sofrem qualquer tipo de necessidade. É a necessidade que cria o direito, que toda pessoa aflita, tem ao amor de Cristo.

Puebla começa seu diagnóstico social dizendo-nos: “à luz da fé, vemos como um escândalo e uma **contradição** com o ser cristão a **brecha crescente entre ricos e pobres**” (28). “O luxo de alguns converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas” (P.P. 3). “Nesta angústia e dor, a Igreja discerne uma situação de pecado social, cuja gravidade é tanto maior quanto se dá em países que se dizem católicos e que têm a capacidade de mudar” (28).

Comprovam “como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnu-

trição, instabilidade no trabalho”, etc. (29).

Ao analisar mais a fundo esta situação, os Bispos descobrem que “esta pobreza não é uma etapa casual, mas sim o produto de determinadas situações e estruturas econômicas, sociais e políticas, embora haja também outras causas da miséria” (30), as quais os Bispos mencionam posteriormente.

Este estado interno de nossos países encontra em muitos casos sua origem e apoio em “mecanismos que, por se encontrarem impregnados não de um autêntico humanismo, mas de materialismo, produzem em nível internacional ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres” (João Paulo II, Discurso Inaugural nº 4).

A descrição anterior exige, pois, uma conversão pessoal e mudanças profundas das estruturas que correspondam às legítimas aspirações do povo a uma verdadeira justiça social.

Como em Medellín, os Bispos apresentam a necessidade das mudanças de mentalidade, porque, como disseram naquela ocasião, “não há estruturas novas sem homens novos”. A situação de extrema pobreza é descrita com traços bem concretos, em que “todos nós deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo que nos questiona e interpela” (31). E, assim, descrevem eles, pateticamente, a figura dos indígenas, chamados de os pobres entre os pobres; dos camponeses, que vivem marginalizados,

carentes de terras, em situações de dependência externa e interna, submetidos a sistemas de comercialização que os exploram; dos operários mal remunerados e com dificuldade para se organizarem e defenderem seus direitos, etc., toda esta variedade de pessoas chamou a atenção dos Bispos, cuja voz se faz eco da falta de liberdade para se sindicalizarem que aflige os operários, em oposição às organizações patronais, que gozam de todos os privilégios, especialmente nos regimes de força.

A Igreja também não se esqueceu dos marginalizados e aglomerados urbanos que sofrem o duplo impacto da carência de bens materiais em contraste com a ostentação da riqueza de outros setores sociais; nem da figura de subempregados e desempregados, “despedidos pelas duras exigências das crises econômicas, ou por modelos de desenvolvimento que sujeitam os trabalhadores e suas famílias a frios cálculos econômicos”. Os Bispos têm, outrossim, bem presente diante de si a situação causada por modelos econômicos que subordinam o homem à economia, e que não trepidam em sacrificar toda uma geração, com o fito de poderem ostentar o chamado “êxito econômico”, esquecendo-se de que “a economia deve estar a serviço do homem e não vice-versa”, como tantas vezes repetiu o Papa (32-39).

O problema do desemprego é outra preocupação muito central, por se achar intimamente ligado à dignidade do homem, a qual exige o direito ao trabalho para o próprio sustento e o de sua família. Os Bispos fazem também um apelo à ima-

ginação criativa, a fim de que esta procure proporcionar no futuro fontes de trabalho, pois que, se continuarmos com estes modelos econômicos que envolvem uma crescente mecanização, vai ser cada vez mais difícil satisfazer esta necessidade tão vital do ser humano.

Direitos humanos

O tema dos direitos humanos foi profundamente esclarecido pelo discurso inaugural de João Paulo II. O Papa exige que proclamemos a verdade sobre o homem, sobre este homem criado à imagem e semelhança de Deus, e cuja dignidade e valores transcendentais foram conculcados, como jamais acontecera antes. A terceira parte de seu discurso está toda centralizada na Igreja como defensora e promotora da dignidade humana.

Os Bispos compartilham com o Povo “as angústias que brotam da falta de respeito à sua dignidade como ser humano” (42). Mostramos a violação permanente da dignidade da pessoa em seus direitos fundamentais, como o direito à vida, à saúde, à educação, à moradia, ao trabalho, etc.

Medellín certamente abordou esse tema de maneira mais superficial. Puebla faz uma descrição viva das “angústias decorrentes dos abusos de poder típicos dos regimes de força”.

“Angústias pela repressão sistemática ou seletiva, acompanhada de violações à privacidade, de prisões exageradas, torturas, exílios, angústias de tantas famílias por causa do desaparecimento de seus

entes queridos, de quem não conseguem ter notícia alguma. Insegurança total conseqüente de prisões sem ordem judicial. Angústias diante uma justiça submissa ou manietada"... "A Igreja, por um autêntico compromisso evangélico, deve fazer ouvir sua voz denunciando e condenando tais situações, sobretudo quando os governantes ou responsáveis se chamam cristãos" (42). Distorce profundamente a verdadeira imagem da Igreja o abuso de certos cristãos que falam continuamente em nome de Cristo e se apresentam como membros fiéis da Igreja, sem perceber a contradição que isto acarreta, com as violações de direitos humanos, pelas quais, às vezes, eles são responsáveis direta ou indiretamente.

Parece-nos que este apelo à consciência deva ter uma prioridade muito grande, e ser cada vez mais evidente, de modo a obter assim uma melhora para este problema tão desumano. Os Bispos denunciam também "a violência da guerrilha, do terrorismo, dos seqüestros realizados por extremistas de sinais diversos que comprometem igualmente a consciência social" (43).

A terceira denúncia é "a falta de respeito à dignidade do homem, expressa, outrossim, em muitos outros países pela ausência de **participação social** em diversos níveis" (44). Os Bispos voltam a insistir na arbitrariedade existente em relação às organizações sindicais. Mencionam também "a deterioração do quadro político com grave detrimento da participação dos cidadãos na condução de seu próprio destino" (46):

Posteriormente, critica a economia do mercado livre que está legitimada por ideologias liberais que "aumentaram a distância entre ricos e pobres pelo fato de anteporem o capital ao trabalho, o econômico ao social"... Salienda, ao mesmo tempo, de que modo "grupos minoritários têm aproveitado as oportunidades que estas formas primitivas de mercado livre lhes abrem, para progredirem em proveito próprio e às custas dos interesses de setores populares majoritários" (47).

Descrevem as "ideologias marxistas que se difundiram no mundo operário, estudantil e docente, com a promessa de maior justiça social". Na prática, dizem-nos: "suas estratégias sacrificaram muitos valores cristãos ou caíram em irrealismos utópicos, inspirando-se em políticas que, ao utilizarem a força como instrumento fundamental, incrementam a espiral da violência" (48).

Finalmente, apresentam-nos "**as ideologias da segurança nacional** que têm contribuído para fortalecer, em muitas ocasiões, o caráter totalitário dos regimes de força de onde provieram o abuso do poder e a violação dos direitos humanos. Em alguns casos, pretendem amparar suas atitudes numa profissão subjetiva de fé cristã" (49).

Estes problemas, apontados por nossos Bispos, também se acham relacionados com a **subversão de valores**, raiz de tantos males como o materialismo individualista, o consumismo, a ambição descontrolada de ter mais, a deterioração da honra pública e privada, as frustrações, o hedonismo que incentiva os vícios,

o jogo, o uso de drogas, o alcoolismo, a devassidão, etc. (56).

Raízes profundas desses fatos

Esta crise de valores morais constitui, também, uma das raízes profundas que os Bispos apontam ao descreverem o que poderíamos chamar de causas desta situação deplorável e da miséria de nosso povo.

Dizem os Bispos: "A corrupção pública e privada, a ganância do lucro desmedido, a venalidade, a falta de esforço, a carência de sentido social, de justiça vivida e de solidariedade, a fuga de capitais e de cérebros... tudo isso enfraquece e até impede a comunhão com Deus e a fraternidade" (69).

Mencionam ainda a "falta de reformas estruturais na agricultura... as quais ataquem com decisão os graves problemas sociais e econômicos dos camponeses: o acesso à terra e aos meios que tornem possível um aumento da produtividade e da comercialização" (68). Este tema, já descrito no diagnóstico, demonstra uma consciência da necessidade de reformas rápidas e profundas, tal como o havia feito Medellín.

A corrida armamentista

Os Bispos vêm-na, com grave preocupação, como "um grande crime de nossa época, produto e causa das tensões entre países irmãos. Ela faz com que se destinem imensos recursos a compras de armas, em vez de empregá-los em problemas vitais" (67). Este assunto, também abordado por Medellín, ao

lado de outra causa igualmente mencionada, como seja "a falta de integração entre nossas Nações, faz com que nos apresentemos como pequenas entidades sem peso para negociar dentro do contexto mundial" (65).

Tais pontos já haviam sido tratados em algumas reuniões importantes do Episcopado Latino-americano. Esta denúncia é uma das contribuições mais importantes que os Bispos podem dar para aliviar as tensões entre os países irmãos, problema este que se tem agravado seriamente no Cone Sul e nos países andinos. Puebla também menciona, entre as raízes do mal, "a vigência de sistemas econômicos que não consideram o homem como centro da sociedade e não realizam as mudanças profundas que são necessárias para se chegar a uma sociedade justa" (64).

As críticas aos sistemas econômicos estão presentes em muitos dos textos que estamos analisando. Quando se fala das ideologias, há referências muito claras não só a estas como também aos sistemas econômicos que se inspiram em tais ideologias.

Os Bispos apresentam-nos o "fato da dependência econômica tecnológica, política e cultural; a presença de grupos multinacionais que, muitas vezes, velam por seus próprios interesses em detrimento do bem do país que os acolhe; a perda do valor de nossas matérias-primas comparado com o preço dos produtos elaborados que adquirimos" (66). O fato da dependência apresenta-se, pois, não como a causa única ou a

de maior influência, mas acha-se inserido no conjunto de outras raízes de nossos males, e mostra-se ligado ao problema da falta de integração, que seria um dos meios mais eficazes para fazermos frente aos males da dependência, porque, somente unidos, poderemos formar uma força capaz de enfrentar as multinacionais e os poderes políticos do Primeiro Mundo.

A descrição da realidade sócio-econômica que Puebla nos apresenta não se esgota na primeira parte do Documento. É retomada nos capítulos em que ela descreve o tema da dignidade humana, mostrando as visões inadequadas do homem da América Latina no que concerne à relação entre evangelização, libertação e promoção humana, e, ainda, ao nos falar de evangelização, ideologias e políticas (capítulos II, IV e 5ª parte).

O tema social não se dá por encerrado apenas com a descrição dele feita no diagnóstico. Puebla enfatiza seriamente a importância da Doutrina Social da Igreja. O Santo Padre, em seu discurso inaugural, dera novamente um grande apoio à vigência da Doutrina Social e à necessidade que temos dela para nossa ação social. No presente artigo, mostraremos sumariamente alguns dos pontos que Puebla desenvolve sobre o pensamento social da Igreja.

Dignidade humana

Como o indicamos anteriormente, este tema mereceu um lugar preferencial tanto no discurso inaugural de João Paulo II, como em sua pri-

meira encíclica, onde ele volta a repetir as idéias centrais relativas ao assunto. Puebla, como era de se supor, também abordaria este tema, tão vital para o ser cristão, sob o ponto de vista da fé. Seriam os Bispos a voz dos que não têm voz, e eles fariam esta voz ressoar fortemente como um chamado à conversão, para que se procure viver mais plenamente a prática dos direitos humanos.

A segunda parte do Documento de Puebla, ao falar do conteúdo da evangelização, apresenta-nos a verdade sobre o homem. É aí que a visão cristã do homem "tanto à luz da fé como da razão"... nos serve para "julgar sua situação na América Latina, a fim de contribuirmos, assim, para a construção de uma sociedade mais cristã e ao mesmo tempo mais humana" (304)

O capítulo começa apresentando as visões inadequadas do homem na América Latina. Na reflexão doutrinal, os Bispos fazem uma **proclamação fundamental**: "É nossa grave obrigação proclamar diante dos irmãos da América Latina a dignidade que cabe a todos sem distinção alguma e que, apesar disto, vemos tantas vezes desrespeitada e pisada de forma extrema"... "professamos, pois, que todo homem e toda mulher, por mais insignificantes que pareçam, possuem em si uma nobreza inviolável que eles mesmos e os outros devem respeitar e fazer respeitar incondicionalmente"... "Condenamos todo menosprezo, diminuição ou injúria às pessoas e a seus direitos inalienáveis, todo atentado contra a vida humana..." (317).

A dignidade humana envolve o respeito à liberdade do homem, liberdade que não se alcança sem uma libertação integral.

O nº 4 do mesmo capítulo aborda o tema da **libertação e promoção humana**. É aí que os Bispos querem “ajudar a aprofundar na fé e iluminar com a palavra de Deus as situações particularmente conflitantes de nossos povos... , a discernir seus critérios de reflexão e de investigação, pondo particular cuidado em conservar e promover a comunhão eclesial tanto em nível local quanto universal” (470).

A promoção humana e a libertação integral têm vindo concretizando-se “no conjunto de orientações doutrinárias e critérios de ação que hoje costumamos chamar de **doutrina social da Igreja**” (472). Os Bispos dizem-nos que esta doutrina tem sua “fonte na Sagrada Escritura, nos Padres e nos grandes teólogos da Igreja, e no Magistério dos últimos Papas”... “Como vemos desde sua origem, existem nela elementos de validade permanente, que se fundamentam numa antropologia nascida da própria Mensagem de Cristo e nos valores perenes da ética cristã. Mas há também elementos mutáveis que correspondem às condições específicas de cada país e de cada época” (472).

Como observam os Bispos, “esta doutrina tem um caráter dinâmico, e em sua elaboração e aplicação os leigos não podem ser executores passivos, mas devem ser colaboradores ativos dos Pastores, a quem levam sua experiência, competência profissional e científica” (473).

O Documento mostra, outrossim, que “esta doutrina social tem como **objetivo primário a dignidade pessoal do homem**, imagem de Deus, e a defesa de todos os seus direitos inalienáveis”... “A finalidade desta Doutrina da Igreja, que traz sua visão própria do homem e da humanidade (P.P. 13), é sempre a promoção e libertação integral da pessoa humana, em sua dimensão terrena e transcendente, com vistas à construção do Reino último e definitivo” (475).

Os Bispos pedem que todos os membros da Igreja, começando por eles mesmos, procurem ser coerentes, criativos e corajosos na entrega total. Insistem em que “nossa conduta social é parte integrante de nosso seguimento a Cristo”. Vez por outra, fazendo eco à “*Evangelii Nuntiandi*”, proclamam eles que a promoção humana constitui parte integrante da evangelização, e que a libertação integral é uma tarefa essencial da missão evangelizadora da Igreja.

Libertação. Posteriormente, os Bispos oferecem elementos para que se possa discernir a verdadeira libertação, e lembram que há diversas concepções e aplicações da mesma, “embora entre elas se descubram traços comuns, existam enfoques difíceis de levar a uma adequada convergência” (481).

Há dois elementos, dizem-nos eles, “complementares e inseparáveis: a libertação de toda escravidão, do pecado pessoal e social, de tudo o que transvia o homem e a sociedade e que tem sua fonte no egoísmo, e a libertação para o cresci-

mento progressivo no ser pela comunhão com Deus e com os homens. . ." (482).

Mostram-nos as mutilações de que é vítima a verdadeira libertação "quando se esquecem o desenvolvimento individual e comunitário do homem, a dependência e escravidões, e se ferem direitos fundamentais que não são outorgados por governos ou instituições, ainda que os mais poderosos, mas que têm como autor o próprio Criador e Pai" (485). Ela é igualmente mutilada quando não chegamos à libertação do pecado com todas as suas seduções e idolatrias.

Entre os critérios que nos dão, assinalam que a libertação "sabe utilizar meios evangélicos com sua peculiar eficácia, e que não recorre a nenhum tipo de violência, nem à dialética da luta de classes, mas à vigorosa energia e ação dos cristãos que, movidos pelo Espírito, procuram responder ao clamor de milhões de irmãos" (486). A libertação integral implica uma visão cristã dos meios para alcançá-la.

A violência. Os Bispos tiveram a experiência da violência que se desencadeou no Continente sob diversas formas. Medellín, como o dissemos anteriormente, foi muito clara em sua condenação da violência, embora nunca tenha excluído o que já havia de tradicional no pensamento cristão em face da tirania evidente e prolongada que atentasse gravemente contra os direitos fundamentais. . . , quer proviesse de uma pessoa, quer de estruturas evidentemente injustas; também é certo que a violência ou a revolução ar-

mada geralmente gera novas injustiças, introduz novos desequilíbrios e provoca novas ruínas. Não se pode combater um mal real mediante um mal maior" (Medellín 19).

Esta década pode ser catalogada como a década da violação da dignidade humana. A violência das próprias estruturas sociais, em parte, é causa de uma violência subversiva e que, por sua vez, provoca uma violência repressiva. Esta espiral de violência não poderá ser ignorada em Puebla e é assim que, no tema sobre evangelização e política, se aborda amplamente este assunto. Aí se repete a palavra de Paulo VI na P.P. e em seu discurso aos camponeses da Colômbia, como citamos no documento de Paz de Medellín.

Os Bispos dizem-nos ainda: "Queremos pronunciar-nos com clareza. A tortura física e psicológica, os seqüestros, a perseguição de dissidentes políticos ou suspeitos e a exclusão da vida pública por causa de seus ideais são sempre condenáveis. Se tais crimes forem praticados pela autoridade encarregada de tutelar o bem comum, eles aviltam quem os pratica, independentemente das razões aduzidas" (53).

"Com igual decisão, a Igreja rejeita a violência terrorista e a guerrilha cruel, e incontrolável quando se desencadeia. De modo algum justifica-se o crime como caminho de libertação". "A violência gera inexoravelmente novas formas de opressão e de escravidão, geralmente mais graves do que aquelas de que pretende libertar-se". . . "Devemos salientar igualmente que, quando uma ideologia apela para a vio-

lência, por este mesmo fato reconhece a sua insuficiência e fraqueza” (532).

A seguir, repetem os mesmos textos de Medellín. Puebla usa os termos “injustiça institucionalizada”, mais do que violência institucionalizada, já que esta expressão levou alguns à utilização de meios violentos, cujas conseqüências e repressões subseqüentes foram sofridas por milhares de cristãos, sobretudo pelos pobres.

Esta insistência sobre a não-violência não deve levar a pensar que se pode continuar abusando da vocação pacífica dos cristãos. Assim como em Medellín, e a julgar pelo conteúdo profético do documento, pode-se repetir: “Não se deve abusar da paciência de um povo que supersta, durante tantos anos, uma condição que dificilmente aceitariam aqueles que têm maior consciência dos direitos humanos”...; há um apelo urgente no sentido de que não se valham da posição pacífica da Igreja para se oporem, passiva ou ativamente, às transformações profundas que são necessárias. Se se mantêm ciosamente os próprios privilégios, empregando-se para defendê-los meios violentos, os que assim procedem tornam-se responsáveis perante a história por provocar “as revoluções que fazem explodir o desespero”. De sua atitude depende, pois, em grande parte, o futuro pacífico da América Latina”.

Se este apelo feito há mais de dez anos tivesse sido ouvido, nosso continente não teria tido de lamentar tantas perdas de vidas e tanta violação da dignidade humana. Puebla

certamente compromete-se com a libertação integral do homem e considera como uma de suas principais tarefas o “continuar animando a libertação cristã, que consiste na busca criativa de caminhos que se afastem de ambigüidades e do reducionismo, com plena liberdade para a palavra de Deus que nos é dada na Igreja e que nos estimula ao anúncio alegre aos pobres, como um dos sinais messiânicos do reino de Cristo” (488).

A grande contribuição de Puebla foi, sem dúvida, a ajuda que nos prestou para discernirmos se se trata de uma libertação cristã, ou, ao invés, de uma libertação que se nutre de ideologias que põem de lado a coerência com uma visão evangélica do homem, das coisas e dos acontecimentos (Ev. En. 35).

Puebla ajudará a esclarecer qual seja a evangelização libertadora para a convivência humana, e de que modo devemos libertar-nos dos ídolos da riqueza e do poder. Abordaremos resumidamente o tema da propriedade.

Sobre a propriedade dizem-nos os Bispos que os bens e as riquezas são “para servir efetivamente à utilidade e ao proveito de todos e de cada um dos homens e dos povos. Por isso, a todos e a cada um compete um direito primário e fundamental, absolutamente inviolável, que é o de poder usar solidariamente desses bens na medida do necessário. Todos os outros direitos, inclusive o de propriedade e de comércio livre, estão subordinados ao primeiro, como nos ensina João Paulo II; sobre toda propriedade privada pesa

uma **hipoteca social**". . . "A propriedade compatível com aquele direito primordial é, antes de tudo, um poder de gestão e de administração que, embora não exclua o de domínio, não o torna absoluto nem ilimitado".

Deve ser fonte de liberdade para todos, nunca de dominação nem de privilégios. É um dever grave e urgente fazê-los voltar à sua finalidade primeira (P.P. 28) (492). Estes temas fornecem-nos elementos doutrinários muito ricos e que requeririam uma apresentação mais profunda, pois todos eles têm sido alvo de debates doutrinários nos últimos dez anos.

Finalmente, a quinta parte deste capítulo apresenta-nos as linhas doutrinárias da relação existente entre evangelização e política, entre evangelização e ideologias. Ambos os assuntos possuem um conjunto de elementos que ajudam a discernir a ação política dos cristãos e dos outros membros do Povo de Deus. A apresentação das ideologias e o juízo feito a respeito delas contribuirão para classificar o positivo e o negativo que nelas existe, o que há de assumível e de recusável.

Para finalizar, queríamos dizer que tanto o diagnóstico de Puebla

como o tratamento que ela dá aos temas doutrinários sobretudo os elementos novos que nos oferece sobre a propriedade e a análise das ideologias (liberal capitalista, do marxismo e da ideologia da Segurança Nacional), nos deixam com uma clara visão de que Puebla avançou muito mais do que Medellín, e que respondeu aos novos e grandes desafios da situação sócio-econômica e política, como também aos novos enunciados doutrinários. Tudo isto ajudará os cristãos a discernirem com liberdade, dentro de um marco ético, suas opções sociais e políticas.

O Papa e os Bispos, apesar da situação social de injustiça institucionalizada, comunicam-nos um grande otimismo no poder da evangelização, contanto que esta seja tomada num sentido pleno e que nos leve à libertação integral do homem latino-americano. As faces angustiadas do homem de nosso Continente poderão ser transformadas por esta esperança que depende de nosso compromisso com sua libertação. Não basta que se tenham escrito excelentes documentos; eles poderão ser uma luz que nos guie e que oriente a nossa reflexão, além disso, pensar nos meios concretos para ir construindo, dia a dia, uma sociedade mais justa e mais humana.

IRMÃZINHAS DA ASSUNÇÃO

A SERVIÇO

DA FAMÍLIA OPERÁRIA

Local: cidade do interior paulista. **Duração:** de 1968 a 1979. **Congregação:** Irmãzinhas da Assunção.

MOTIVAÇÃO. Nossa inserção no meio popular não é o resultado da mudança de um projeto de vida para outro projeto. Não é tão pouco o projeto isolado de uma comunidade. Desde o início da congregação (em 1865), nosso projeto de vida religioso-apostólica define-se em referência à situação concreta do povo: "para manifestar o amor de Cristo Servidor entre os pobres e os operários, com uma sensibilidade particular às realidades familiares".

Num mundo em mutação, nossa inserção no meio popular é marcada por contínuas revisões num esforço de proximidade, de busca de caminhos de evangelização a partir da realidade do povo e em referência ao projeto da congregação e da província. Sublinhamos a importância dos laços com a congregação e a animação global da província. (Intercâmbio de comunidades).

INSERÇÃO. Nossa caminhada junto ao povo — de 1968 a 1979. Realidade em que nossa comunidade estava inserida:

1. Situação geográfica: no Estado de São Paulo, perto dos limites de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, a 550 quilômetros de São Paulo. A região foi desbravada em 1940. Atualmente a população da cidade está em redor de 50.000 habitantes. Povo este que veio da região de Araraquara, descendentes de italianos, espanhóis, etc. Esse povo no início formou lavoura de café. Hoje, a lavoura está sendo substituída pelo gado. Alguns ainda plantam algodão, mamão, soja, amendoim e milho. Cada ano menos. O pequeno sitiante está sendo engolido pelo latifundiário.

Consequências: as famílias não têm condições de sobrevivência na lavoura. Mudam para a cidade e vivem aglomeradas na periferia, em loteamentos abertos sem plano e sem infra-estruturas, formando rapidamente novos bairros. Conforme pesquisa que fizemos, nos bair-

ros da periferia moram umas 15.000 pessoas, 53% de jovens de menos de 18 anos e 43% de menos de 14 anos.

Situação dessas famílias. Os homens são sem profissão. Continuam indo para a roça, quando tem caminhão que leva. São os birosos que em outras cidades são chamados "bóias-frias". Os jovens já melhoraram um pouco: trabalham como caixa, auxiliar de escritório, no banco, balconista, operário nas pequenas fábricas. As possibilidades de emprego são poucas. É um tipo de emprego familiar. O patrão costuma ser bom. Não paga salário certo e ninguém pode reclamar porque é "amigo". Para as mulheres e menores, os empregos não têm garantia nem salário decente (de 400,00 a 800,00 Cr\$ por mês).

A construção da Usina da Água Vermelha deu uma grande esperança. No início prometeram muito emprego, mas depois a maior parte da mão-de-obra veio de fora. E a situação do povo piorou: o preço dos aluguéis subiu e o custo de vida aumentou mais. O custo de vida é elevado. Mantimentos e gêneros alimentícios, inclusive carne, leite, hortaliças produzidos na região, são encaminhados para a Capital pelo sistema de intermediários e voltam para o consumidor com preços elevados. As chances de estudo para o povo são poucas: escola até o colegial, SESI, Mobral, Supletivo. Não há escola técnica nem superior.

Portanto, os moradores da periferia estão em situação de: **margina-**

lização sócio-econômico-político-cultural: vivem em situação de subemprego e de fome, são privados de instrução, profissionalização, atendimento médico, moram em casas pequenas em bairros sem infra-estruturas, são marcados pela não participação nas decisões políticas. **Marginalização religiosa.** O povo foi educado com uma imagem de Deus ex-máquina, com uma religião do medo: Deus-patrão que manda e castiga; a própria Igreja é ainda marcada pela situação local e mantém-se ao lado dos grupos dominantes. Sente-se responsável pelo espiritual e permanece no sacramental, mas educa pouco o povo para a participação, ou, se suscita participação, é mais para assumir tarefas clericais, em substituição do padre.

2. Como se caracterizou a presença de nossa comunidade nessa situação? Assumimos várias opções com suas conseqüências:

Estilo de moradia: mudamos de casa três vezes, acompanhando o movimento do povo. Nossa casa era alugada, do tipo que o povo constrói no fim de semana por regime de mutirão, localizada na periferia, fora do asfalto. Uma casa aberta a todos.

Trabalho assalariado no campo da saúde e do serviço social, visando: uma fonte de renda esclarecida aos olhos do povo; uma situação de trabalho reconhecida. O que fez que o povo percebesse que estávamos em comunidade de destino, solidárias no aspecto de manutenção, de dependência dos mandos dos outros, da exploração quanto a salário, horário, de cansaço, etc...; o com-

promisso de testemunho de fé, de engajamento pela justiça no ambiente de trabalho e fora, o desempenho de tarefas mais diretamente ligadas à comunidade cristã, exige de nós um esforço igual ao dos demais.

Ruptura com a imagem tradicional da religiosa: ser "umas entre os outros"; relações simples, através de pequenos gestos concretos e quotidianos. Queremos ser companheiras de jornada. Evitamos ocupar postos de liderança. Apoiamos nosso irmão, nosso vizinho a assumir tarefas de responsabilidade no lugar de trabalho, na comunidade de bairro, na comunidade eclesial.

Assumimos as conseqüências de uma situação de marginalização de uma cidade do interior: falta de comunicação, de circulação de idéias, de recursos; exploração institucionalizada e legitimada. Tocamos de perto a situação do trabalhador em geral, da mulher e do menor; sofremos as marcas da sociedade de consumo; da repressão de qualquer tentativa de reflexão crítica e de organização; da introjeção da Doutrina de Segurança Nacional que leva as pessoas a pensar espontaneamente segundo suas normas.

Atuação direta com e pelas famílias da periferia, fora dos quadros tradicionais da paróquia. Despertar a participação ativa na solução dos problemas. Construir uma Igreja em que o pobre tenha voz ativa e dê à comunidade eclesial sua expressão própria.

Ruptura com certos grupos: quanto mais mergulhamos na comunidade de destino com os peque-

nos, mais nos distanciamos das classes mais remediadas, dos grupos tradicionais de igreja e das atividades da igreja ligadas à pastoral sacramentalista, por termos interesses diferentes e não raras vezes conflitantes.

3. O que pretendemos com esta presença no meio do povo? Não houve planos pré-estabelecidos. Houve um projeto apostólico claro. O projeto apostólico foi se desenvolvendo aos poucos, assumindo modalidades diferentes, sobretudo pela participação de homens, mulheres e jovens das famílias de trabalhadores dos bairros da periferia. Foi assim expresso por suas próprias palavras:

LUTAR para que as famílias dos bairros da periferia, **CONHEÇAM** a libertação de Jesus Ressuscitado, **ENXERGUEM** a realidade em que vivem, **LUTEM** para libertar a si próprias e aos outros, **TRANSFORMANDO** a realidade.

Quanto a nós, nos apoiamos sobre a convicção de que: "Deus fez aliança com a humanidade em seu Filho Jesus Cristo e nossa comunidade não tem outra razão de ser senão a de dar testemunho dessa aliança, de anunciar que em Jesus Cristo todo homem é chamado a viver como Filho de Deus e como irmão". Para que a prioridade "Jesus Cristo" nos orientasse: **empregamos as seguintes ferramentas:**

A escuta da Palavra de Deus, ouvida, assimilada e repercutida entre nós e com o povo.

Escuta dos fatos da vida do povo e sua releitura "em povo" à luz da Palavra.

Escuta da igreja (CNBB) e suas opções de compromisso com os pequenos.

Ação comunitária baseada nas necessidades mais sentidas pelo povo.

Para nossas opções, nos referimos a certos critérios de discernimento: levar em conta a realidade em que vivemos: contexto social, econômico, político, cultural; dar prioridade ao valor da pessoa humana, a seu direito de ser respeitada em sua vida e sua dignidade; favorecer o crescimento e a libertação integral das pessoas, das famílias e dos grupos, a conscientização, a união e o avanço de um povo; tudo o que põe o homem de pé; tudo o que o abre ao outro; tudo o que constrói uma comunhão sem fronteiras; tudo o que toma por princípio da construção do mundo o bem dos mais humildes; qualquer que seja nossa tarefa, procurar vivê-la na atitude de Cristo Servidor: desapropriação e despolarização; fazer-se próximo; "uma entre as outras", relações simples; pequenos gestos concretos e quotidianos; crer "na mecha que ainda fumeja"; verificar se nossa "missão" é ou não em função da construção do povo de Deus.

As etapas pelas quais passamos:

Etapa de sensibilização: sentir a situação das famílias: seus anseios, suas lutas, criar laços.

Etapa de mentalização: refletir e entender esta situação junto com as famílias; buscar junto respostas à luz do evangelho e da palavra da Igreja.

Etapa de tomada de consciência para uma ação comunitária: aprender a organizar-se para agir juntos em vista da necessidade de libertar o homem.

Etapa de conscientização: criar um hábito de análise para criticar e provocar mudança: processo ação-libertadora; chegando até um início de compromisso político. Um engajamento político mais sério, num contexto de interior, com uma comunidade de base isolada, é muito difícil.

Nessas etapas para a conscientização demoramos anos ao nível da ação comunitária devido ao contexto. A evolução do país e a tomada de posição clara do episcopado a partir de 76 nos deram força para uma conscientização mais direta.

Pontos que privilegiamos

Os membros engajados das comunidades não esperam de nós soluções dos problemas, mas meios para adquirir instrumentos de trabalho: meios de crescer na fé, ligando Fé e Vida a partir da Palavra de Deus e da leitura dos fatos da vida. Aprender a função crítica da fé sobre a vida; meios de construir-se como pessoa, adquirindo capacidade de pensamento pessoal, visão crítica da situação e dos acontecimentos.

Ser sujeito da história. Meios para construir comunidades fundamentadas na fé e capazes de fraternidade; meios para organizar uma ação libertadora.

Suscitar testemunhas da Palavra hoje: a Palavra de Deus repartida aos pobres produz frutos, suscita espírito missionário e é fermento da mudança.

Meta: todas essas etapas foram vividas numa perspectiva missionária: depois de anos de encarnação e presença ativa, deixar que a comunidade de base continue sua história, sem nós, e ir recomeçar em outro lugar. Esta meta já foi realizada.

“A Congregação das Irmãzinhas da Assunção é aprovada pela Igreja para manifestar o amor de Cristo **SERVIDOR**, entre os pobres e

os operários, com uma sensibilidade particular às realidades familiares em colaboração com aqueles que estão empenhados no trabalho de **EVANGELIZAÇÃO** e para a construção de um mundo mais justo e fraterno”. (Regra de vida das Irmãzinhas da Assunção n. 81).

A Congregação das Irmãzinhas da Assunção nasceu em Paris na França em 1865, fundada pelo Padre Claude Etienne Pernet, religioso assuncionista, como resposta à problemática familiar do operário (desagregação da família). Era preciso reconstituir a família operária e pobre. Nesse momento, na Europa, se iniciava a Revolução industrial.

RELIGIOSIDADE POPULAR E POLÍTICA

Na religião se articulam os grandes temas que movem as consciências e as buscas humanas radicais pelo sentido da vida, da dor, da sobrevivência. Na religião se tematiza a dimensão do homem voltado para o incondicionado e absolutamente importante na vida.

Frei Leonardo Boff, OFM
Petrópolis, RJ

O interesse pelo povo e por tudo o que lhe pertence por parte de alguns setores da sociedade civil e da Igreja propiciou a valorização da religiosidade popular. Não se pode entender a identidade histórica do Brasil, e, de modo geral, da América Latina sem a presença da "evangelização constituinte" como a chama o documento episcopal de Puebla, feita pela Igreja ao largo de todo o nosso processo social. A religiosidade, particularmente de vertente católica, constitui, agrade ou não aos analistas, uma das estruturas básicas de nossa realidade. Nos últimos anos com os estudos antropológicos, sociológicos e teológicos a religiosidade foi redescoberta como um valor que desborda de seus significados especificamente religiosos atingindo o social e o político. Ela pode ser um fator de grande mobi-

lização libertária. Face a este fenômeno existem várias atitudes, corporificadas em distintos grupos da sociedade.

A primeira é aquela tradicional do cristianismo ortodoxo, clerical e apologético; este interpretava a religiosidade popular como algo decadente de cristianismo oficial, como mescla de elementos ortodoxos com outros mágicos, supersticiosos e místicos, predominando estes sobre aqueles. Esta interpretação não percebe que a religiosidade popular católica constitui um sistema diferente de tradução de cristianismo dentro das condições concretas do povo. Sua linguagem segue os mecanismos lógicos do inconsciente. Por isso para entendê-lo faz-se mister um instrumental adequado e diferente daquele com o qual se ana-

lisa o cristianismo oficial que se oriente pelo pensamento reflexo e pelo rigor da lógica do consciente.

A segunda atitude é aquela dos filhos da primeira ilustração que começou a predominar a partir do século 18 e compõe hoje nossas elites intelectuais e econômico-sociais. Elas são, geralmente, religiosas, guardando apenas ritualmente alguma referência com o cristianismo, por ocasião do batismo, do casamento e do enterro. De resto possuem um soberano pouco apreço pelo povo e sua religiosidade "anacrônica", não ilustrada e ignorante. O **ethos** que vivem, efetivamente, se orienta mais pelas ideologias e práticas consagradas dentro do capitalismo de que pela inspiração cristã. Quando se interessam pela religiosidade o fazem num sentido folclórico ou com fins eleitoreiros. Não raro é manipulada para desmobilizar as consciências prestes a se revoltarem contra o excesso da iniquidade social. Aqui a religiosidade funciona como ópio e cai, perfeitamente, sob a crítica marxiana.

A terceira atitude é representada pelos filhos da segunda ilustração, aquela inaugurada pela crítica marxista às ideologias que sustentam práticas opressoras. A religião, numa simplificação teórica ingênua, é tachada de falsa consciência, ópio endormecedor e grito ineficaz do oprimido e instrumento simbólico pelo qual o dominador assegura sua hegemonia. Esta atitude é assumida, geralmente, por quase todas as esquerdas de inspiração marxista e que recitam, sem crítica, a vulgata marxista: dispensam-se de analisar o fenômeno religioso em sua capaci-

dade de resistência e de animação no processo de libertação dos oprimidos; a chave marxiana é aplicada dogmaticamente. Não respeitam o povo, penetram nas comunidades cristãs, procuram assumir as lideranças e conduzir o grupo por caminhos desvinculados de sua matriz de origem cristã.

Uma quarta atitude é esposada pela Ideologia da Segurança Nacional. Ela quer capitalizar para si o potencial religioso. Apresenta-se o Estado de Segurança Nacional como defensor da civilização cristã e ocidental mesmo em desacordo com a Igreja que se compromete, exatamente, por causa da fé cristã, com as causas da justiça e da defesa dos direitos humanos. O que a Ideologia da Segurança Nacional na verdade defende são os elementos mortos do cristianismo, suas expressões objetivas e culturais, não seu espírito e sua força de amor, de justiça, de fraternidade, capazes de mobilizar a sociedade para formas de convivência mais equilibradas. Este encurtamento patológico do cristianismo à medida dos interesses elitistas de grupos dominantes e reacionários foi bem ilustrado pelo relatório sobre as atividades da Igreja elaborado pelo Centro de Informação e Segurança da Aeronáutica (CISA) à serviço da Ideologia da Segurança Nacional. Pretendem saber melhor do que a Igreja o que é o cristianismo.

Todas estas atitudes que, sumariamente, descrevemos, representam uma atitude canhestra face ao fenômeno da religiosidade popular. Não lhe fazem justiça. Qual é a atitude correta? Primeiramente de-

vemos tomar o fenômeno por aquilo que ele é e assim respeitá-lo: religião. Toda religião é uma expressão sócio-cultural de uma fé, de um encontro do homem com o Divino. Na religião se articulam os grandes temas que movem as consciências e as buscas humanas radicais: pelo sentido da vida, da dor, da sobrevivência; na religião se elabora o discurso sobre o Sentido supremo (Deus) e se tematiza a dimensão do homem voltada para o incondicionado e absolutamente importante na vida. A religião tem o seu uso legítimo: evocar, suscitar, animar e expressar esta experiência irreduzível. Para isto ela existe. Um uso que não respeite a natureza do religioso, significa manipulação desrespeitosa e secularista.

Não obstante isso, precisamos atender a outro problema: a religião em suas instituições possui um peso social que transcende o espaço religioso. Este peso social pode ser instrumentalizado em distintas dire-

ções, seja para domesticar os oprimidos, seja para legitimar a dominação dos poderosos, seja para alienar das verdadeiras causas da verdade e da justiça. É neste campo que se verifica uma disputa pela força do capital religioso. A Igreja dos últimos anos, por exemplo, está usando do peso social da religiosidade popular (não dizemos usando da religiosidade, mas deste seu aspecto sócio-histórico) num sentido de conscientização da dignidade inviolável da pessoa humana, da criação de comunidades populares, dum pedagogia de participação e corresponsabilidade e, de forma manifesta, no sentido e libertação integral. Creemos que somente esta atitude e este uso que potenciam e libertam o humano, respeita a natureza da religião; seu uso não é instrumentalização que desnatura a religião, mas explicitação da intenção ínsita dentro de toda religião: ela é sim para Deus, mas também para os homens, para sua dignidade, sua justiça, sua liberdade e libertação.

VIDA RELIGIOSA INSERIDA NOS MEIOS POPULARES (um seminário)

Apresentação

A CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL realizou de 24 a 29 de setembro de 1979, um Seminário de estudo sobre Vida Religiosa inserida no meio do Povo. Este Seminário foi ao encontro das conclusões da XI Assembléia Geral Ordinária da CRB em julho de 1977, onde foi acentuada a necessidade de uma maior participação e solidariedade com o povo, seja do interior, seja dos bairros populares das cidades, e de uma melhor redistribuição dos religiosos, para maior atendimento pastoral a estas áreas.

Desde algum tempo um número significativo de religiosos e religiosas, vivem em comunidades inseridas no meio do povo. Muitos outros religiosos se perguntam como assumir um compromisso idêntico, buscando critérios que possam orientar sua opção. O mesmo pensam várias equipes de Governo Geral e Provincial de diversos Institutos. A Assembléia Geral da CRB em 1977 abordou também este fenômeno dentro do seu temário mais amplo.

Sentiu a necessidade de que se continuasse a reflexão e aprofundamento desta caminhada. Para responder a todas estas aspirações organizou o Seminário de Estudos sobre Vida Religiosa inserida no meio do Povo, que teve como objetivo:

“EXAMINAR E APROFUNDAR A VIDA DE RELIGIOSAS E RELIGIOSOS INSERIDOS NOS MEIOS POPULARES PARA VERIFICAR AS TRANSFORMAÇÕES DA VIDA RELIGIOSA NO CONTEXTO DESTA INSERÇÃO E VER A CONTRIBUIÇÃO ESPECÍFICA QUE OS CARISMAS DAS DIVERSAS CONGREGAÇÕES PODEM DAR NO ÂMBITO DA AÇÃO PASTORAL NO MEIO DO POVO.”

Com isto pretendeu-se:

- ◆ Oportunizar o intercâmbio de vivências de religiosas e religiosos inseridos nos meios populares.
- ◆ Facilitar uma auto-análise destas inserções.
- ◆ Deduzir linhas de força das mesmas, em termos de Vida Religiosa e Evangelização.

Foram convidadas diretamente algumas comunidades, de acordo com certos critérios, especialmente o do tempo de inserção — cinco anos pelo menos — e o de estar a experiência assumida pela Congregação ou Província. Participaram do Seminário representantes de 21 comunidades inseridas no meio do povo, em áreas do interior e dos bairros populares dos Estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Os participantes representaram quatro congregações masculinas e quinze femininas. Importante foi a presença dos Provinciais ou de seus representantes do Conselho da Província — em número de 13 — junto aos religiosos das comunidades presentes. Participaram também vários membros da Diretoria e Executivo Nacional. D. Luciano Mendes de Almeida, Secretário Geral da CNBB, e D. Angélico Sândalo Bernardino, Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, mantiveram um interessante e proveitoso diálogo com o grupo, em diferentes momentos.

O que aqui apresentamos são: o histórico, os passos dados durante os dias do Seminário, e os resultados da reflexão feita, pensando a CRB estar assim continuando a sua colaboração, dentro dos seus objetivos, para o processo de aprofundamento e atualização da Vida Religiosa no Brasil, respondendo aos apelos de Puebla.

1. Histórico do Seminário

1.1. Antecedentes

O surgimento e expansão das pequenas comunidades tomaram um

grande impulso no país, a partir dos anos 60. A Conferência dos Religiosos do Brasil, de acordo com o seu objetivo de “promover e animar a Vida Religiosa e coordenar as atividades que a isto conduzem”, interessou-se imediatamente pelo fenômeno, enquanto significativo de uma nova orientação na caminhada da Vida Religiosa e procurou segui-lo de perto.

Em 1969 a Ir. Sebastiana A. de Brito, MJC, a pedido da CRB, fez uma pesquisa e um levantamento de dados, destacando no seu estudo a tipologia das pequenas comunidades, suas características mais peculiares e as motivações subjacentes ao seu aparecimento e expansão. Desta forma, organizou-se o quadro geral das pequenas comunidades, conforme sua distribuição nas regiões brasileiras. Região nordeste = 50 comunidades; na região leste e centro oeste, 61; na região sul, 58, num total de 169 comunidades (Cf. **Convergência**, outubro de 1970).

Pe. José Comblin, também a pedido da CRB, fez uma leitura teológica do fenômeno, a partir dos dados da referida pesquisa, ressaltando o significado do fenômeno das pequenas comunidades na conjuntura eclesial de então. (Cf. **Convergência**, outubro 1970). Na década de 70, o fenômeno evoluiu. As pequenas comunidades foram progressivamente se orientando de maneira preferencial à inserção nos meios populares. (Cf. **Convergência**, dezembro/72).

Durante a Assembléia Geral Ordinária da CRB, em 1974, o tema das pequenas comunidades foi obje-

to de cuidadoso estudo, sendo relatora do mesmo a Ir. Maria Aparecida Guimarães, MJC. Para dar efetividade às linhas de ação que brotaram da reflexão da Assembléia, foi designada a Ir. Jeanne M. Tierney, OSU, do Executivo Nacional da CRB. Nos anos seguintes, Ir. Jeanne acompanhou de perto a caminhada destas comunidades. O primeiro Encontro de pequenas comunidades de Religiosos engajados na pastoral, realizou-se no Rio de Janeiro de 14 a 18 de setembro de 1974. (Cf. **Convergência**, janeiro/fevereiro/75: Ir. Jeanne M. Tierney, OSU: "Pequenas comunidades, anotações sobre um encontro").

1.2. Fase preparatória

Na Assembléia Geral Ordinária de 1977 foi acentuado o valor de uma maior participação e solidariedade com o povo e a necessidade de uma redistribuição dos Religiosos, visando a um melhor atendimento de regiões e pessoas mais necessitadas, tanto no interior como na periferia das grandes cidades. Em resposta às orientações da Assembléia, a CRB programou um seminário de estudos sobre Vida Religiosa inserida no meio do povo. Para coordenar a preparação e realização do Seminário, foi constituída em 1978 uma comissão composta dos seguintes membros: Ir. Nilson A. Ronchi, FMS; Pe. Celso Sehn, MSF; Ir. Irany V. Bastos, MJC; Irmã Margarida Teixeira, FMA, Ir. Joaquim Panini, FMS.

Uma das tarefas da animação foi a de contactar experiências de religiosos e religiosas inseridos no meio do povo, em várias regiões do país,

e convidá-los para a participação no seminário. Após vários encontros da comissão, muita reflexão, e diálogo com a Diretoria e Executivo Nacional, e com a Equipe de Reflexão Teológica, ficou definido o objetivo geral do seminário: "Aprofundar a vida de religiosas e religiosos inseridos nos meios populares para verificar as transformações da Vida Religiosa no contexto desta inserção e ver a contribuição específica que os carismas das diversas Congregações podem dar no âmbito da ação pastoral no meio do povo". Ficou também decidido que o seminário abrangeria os Estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Cada comunidade convidada a participar do seminário, o faria através de dois de seus membros e de uma pessoa do governo da respectiva província. (Cf. Anexo I, "Prospecto do Seminário").

O Ir. Joaquim Panini foi encarregado da coordenação do seminário e se designaram três assessores: para o aspecto sociológico: Pe. Martinho Lenz, SJ; para o aspecto teológico: Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI; para o aspecto pastoral: Pe. Guilherme Reinhard, OMI.

Momento significativo desta fase preparatória foi a **jornada de lançamento**, realizada no dia 24 de março de 1979, em São Paulo, com o objetivo de aprofundar com os participantes a finalidade do seminário, seu conteúdo e metodologia; propiciar um conhecimento mútuo dos participantes entre si e com os coordenadores do seminário; o estabelecer as diversas etapas de preparação e realização do mesmo. Com esta jornada começou a fase de preparação

imediate do seminário em cada uma das comunidades participantes do mesmo. Foi pedido que cada um destes grupos refletisse sobre a própria caminhada, procurando identificar os pontos essenciais e originais da mesma, a fim de que o trabalho do seminário partisse da realidade concreta das comunidades. Com este fim foram oferecidos aos participantes subsídios para a descrição das experiências. Durante esta fase de preparação imediata, a coordenação e os assessores mantiveram contactos entre si e freqüente comunicação com os participantes.

1.3. Realização do Seminário

A realização do seminário teve como finalidade a vivência do objetivo principal que iluminou todas as etapas anteriores, sobretudo a do Lançamento e dos 8 meses de preparação: "Examinar e aprofundar a vida de Religiosos inseridos nos meios populares para verificar as transformações da Vida Religiosa no contexto desta inserção e ver a contribuição específica que os Carismas das diversas Congregações podem dar no âmbito da ação pastoral no meio do Povo".

Este objetivo foi explicitado e vivenciado em três passos principais:

1º passo: Descrição das formas de inserção. O primeiro passo oportunizou aos participantes o máximo de tempo e instrumentos para a descrição suficientemente profunda das diversas formas de inserção a fim de que se pudesse discernir de cada uma e de todas em conjunto os **PONTOS ESSENCIAIS E ORIGINAIS**. Tal descrição foi facilitada

pela reflexão feita, em cada comunidade, neste mesmo sentido de buscar os pontos originais e essenciais e pelas orientações sugeridas através de duas pautas complementárias, ajudando a todos a descrever sua vivência como um processo, i.é., algo dinâmico e não estático, preparando assim o passo posterior, o da análise.

2º passo: Análise das Inserções. Este 2º passo foi vivenciado em dois momentos decisivos a elaboração de um **INSTRUMENTAL DE ANÁLISE PROPRIAMENTE DITA**. O instrumental de análise consistiu em explicitar as "**CONVICÇÕES**" explícitas ou implícitas e até alternativas dos pontos originais e essenciais das diversas inserções em termos de **REFERENCIAIS** do Projeto da Vida Religiosa inserida nos meios populares. A análise propriamente dita consistiu no confronto dos dois a fim de deduzir os **AVANÇOS, DESAFIOS e QUESTIONAMENTOS** logrados em dois momentos: o da auto-análise de cada uma das Comunidades presentes e depois a análise por grupos em plenário.

3º passo: Perspectiva de ação. O terceiro passo teve um enfoque operacional: a elaboração das **LINHAS GERAIS ORIENTADORAS** para o futuro visando uma maior profundidade e fidelidade em termos de uma Vida Religiosa inserida junto aos meios populares. Tais linhas buscaram assumir todos os passos anteriores: partindo das Convicções e passando pela situação das diversas formas de inserção, tentaram reforçar os avanços, reenfocar os desafios, aprofundar os questio-

namentos e terminar num processo concreto em cada uma das Comunidades a partir da situação de cada uma.

2. Passos dados e resultados da reflexão

2.1. Dinâmica de Contribuições: proposições e preocupações

2.1.1. Introdução Explicativa.

Antes de iniciar o Seminário propriamente dito, fazia-se necessário uma dinâmica de expectativas dos Participantes com relação aos objetivos, dinâmica e projeção do mesmo. Neste sentido, foi pedido a cada um que, em grupo, se manifestasse sobre três aspectos:

◆ Que **CONTRIBUIÇÕES ESPECÍFICAS** pode e deveria dar o Seminário à Vida Religiosa e à Igreja?

◆ Que **PROPOSTAS** tem a dar para que realmente o Seminário dê o que deve dar na perspectiva de seus objetivos.

◆ Que **PREOCUPAÇÕES** (temores) tem sobre o seminário?

Apresentamos a seguir, o resultado da reflexão pessoal, em pequenos grupos e da partilha e diálogo no plenário, formando um quadro de expectativas e compromisso do Grupo frente ao Seminário, em vistas a um enriquecimento pessoal e comunitário, assim como de serviço à Igreja e à Vida Religiosa em termos de uma maior inserção junto aos meios populares.

2.1.2. Síntese da reflexão grupal: Contribuições, proposições, preocupações.

Contribuições do Seminário para a Igreja e a VR.

Espera-se que o Seminário:

Dê ênfase à dimensão profética da VR, descobrindo e animando a re-leitura bíblica, que leve a uma radicalidade de vida.

Que se considere a VR a partir da missão, através do compromisso com o povo e sua luta de libertação.

Que se considere a VR inserida na Igreja Particular levando em conta: o aspecto social e político dos votos: a formação de pessoal para a ação pastoral e VR encarnada.

Proposições para que o Seminário alcance seus objetivos:

Partir das experiências de vida inserida no meio do povo: não confundir as diversas modalidades de VR com seus verdadeiros valores; fundamentar-se na missão e não na VR voltada para si mesmo; atenção especial e espírito crítico na análise das experiências.

Preocupações ou temores que trazemos em relação ao Seminário:

Que se dêem: Atitude triunfalista na nossa análise; esquecimento de dimensão política da nossa fé; perda da tensão dialética da inserção; separação entre VR e ação pastoral.

2.2. Descrição e Intercâmbio das diversas formas de inserção

2.2.1. Introdução explicativa. É pressuposto importante de uma boa análise, a obtenção de dados suficientes e objetivos sobre a coisa a

ser analisada. Neste sentido, constituiu para a coordenação do Seminário uma grande preocupação oportunizar tempo e instrumentos para a descrição suficientemente profunda das diversas formas de inserção da Vida Religiosa nos meios populares. Como primeiro passo, preparatório ao Seminário, todas as Comunidades inseridas inscritas elaboraram os **PONTOS ESSENCIAIS E ORIGINAIS** próprios à sua vivência a partir de uma pauta sugerida e entregue na Jornada de Lançamento, 8 meses antes do Seminário (cf. Anexo nº III).

Como segundo passo, as diversas Comunidades, agrupadas em tipo de inserções afins (Formação, Interior e Periferia) descreveram, uma por uma, sua vivência a partir de uma pauta menos descritiva e mais sintética (cf. Anexo nº III) chegando a um consenso agora dos **PONTOS ESSENCIAIS E ORIGINAIS COMUNS** a todas. Foi sugerido que a descrição fosse tipo "filme" e não só fotografia, para que houvesse mais objetividade e aproveitamento da riqueza de cada uma das diversas formas de inserção.

Num terceiro momento os diversos grupos colocaram em comum, no plenário, suas conclusões conseguindo-se agora o quadro geral dos pontos essenciais e originais de todas as Comunidades presentes ao Seminário. O que vem publicado neste capítulo é o resultado de toda caminhada vivida nos passos anteriores. Os participantes do Seminário são conscientes de que o resultado da descrição não esgota a riqueza das 21 Formas de Inserção descritas, mas todos se identificam com a

quase totalidade dos pontos essenciais e originais aqui transcritos, fruto do consenso do grupo.

2.2.2. Síntese da reflexão grupal: Pontos essenciais e originais.

I — MOTIVAÇÃO DA INSERÇÃO

1. Motivação básica: fé no seguimento histórico de Jesus Cristo.
2. Busca de uma vivência mais radical do Evangelho em comunidade.
3. Decisão de província, a partir de pressões históricas; carisma congregacional; apelo da Igreja Particular.
4. Busca de uma nova forma de Vida Religiosa.
5. Busca de viver a pobreza.

II — OBJETIVOS PARA A INSERÇÃO

1. Comprometer-se com a causa do povo e sua libertação.
2. Inserir-se num projeto de Igreja local.
3. Viver um processo de libertação com o povo, sujeito da própria história.

III — COMO INSERIR-SE? — PEDAGOGIA

1. Mudando de lugar social.
2. Relendo o Evangelho na ótica do oprimido.
3. Aprendendo com o povo e deixando-se evangelizar por ele.

4. Convivendo com o povo, participando de suas lutas e estimulando as organizações populares.

5. Utilizando estratégias de reivindicação no intuito de levar o povo à conquista de espaço social na construção de sua própria história.

6. Revendo, confrontando e aprofundando a vivência comunitária e a ação pastoral.

7. Aplicando instrumental de análise que possibilite a leitura crítica da realidade.

8. Discernindo grupos e movimentos de diversas orientações ideológicas, posicionando-se criticamente face a elas.

9. Respeitando a cultura e a religiosidade popular.

10. Acreditando na força do pequeno e do fraco.

11. Utilizando instrumentos adequados de outras ciências.

IV — CONSEQUÊNCIAS DA INSERÇÃO

1. Convicção de que nosso processo de conversão se fará no meio do povo.

2. Mudanças na forma de: pensar, vestir, expressar a fé, celebrar; viver a vida comunitária e os votos.

3. Integração com grupos de outras congregações em vista da Missão.

4. Legitimação da nova forma de vida religiosa na província — através de diálogo com os membros do governo.

5. Simplicidade de vida e trabalho assalariado.

V — TENSÕES PROVOCADAS

1. Choques de mentalidade com os vigários.

2. Posição da mulher frente ao machismo cultural, domínio cultural do homem.

3. Igreja renovada x Igreja Tradicional.

4. Vida Religiosa renovada x Vida Religiosa Tradicional.

VI — EM TERMOS DE FORMAÇÃO

1. Estudo e aprofundamento: mais a partir da realidade.

2. Relacionamento: formadores e formandos. Pedagogia: aprender juntos, viver juntos, programar, rever e avaliar juntos.

3. Liberdade e corresponsabilidade: o clima de liberdade possibilita maior abertura em colocar os questionamentos, apresentar dificuldades e problemas.

4. Formação da consciência crítica: através do confronto da realidade sócio-econômico — política, a vida e o Evangelho.

2.3. Análise das diversas Formas de Inserção

2.3.1. **Introdução explicativa.** A 2ª etapa do Seminário consistiu na análise das diversas Formas de Inserção da Vida Religiosa nos meios populares, a partir dos pontos comuns originais e essenciais. Anali-

sar não é só dar opiniões pessoais a respeito de alguma coisa. Neste sentido o 1º passo dado no Seminário para analisar as diversas vivências das Comunidades presentes, foi o de elaborar um instrumental comum de análise. Cada grupo tentou por isso, explicitar as "CONVICÇÕES" explícitas ou implícitas, e até alternativas, contidas nos diversos pontos essenciais e originais das diversas formas de Inserção.

Da partilha e discussão em plenário chegou-se a **um quadro comum de convicções** sobre o projeto de Vida Religiosa inserida no meio do Povo, constituindo-se no **INSTRUMENTAL COMUM DE ANÁLISE** das 21 Comunidades presentes.

O 2º passo da análise consistiu em confrontar os pontos essenciais e originais com esse instrumental comum de análise a fim de discernir os **AVANÇOS, DESAFIOS E QUESTIONAMENTOS**, havendo para isso dois momentos de confronto: uma auto-análise, i.é., comunidade, e depois uma mútua análise, ou seja, por grupos de comunidades e afinal todas juntas. Publicamos aqui o resultado dos dois passos da análise: o quadro de convicções e o quadro dos Avanços, Desafios e Questionamentos.

O grupo está consciente de que, apesar da validade tanto do quadro de suas convicções como do resultado da análise, esta não esgotou toda a riqueza da caminhada das diversas Comunidades Inseridas nos meios populares.

2.3.2. Quadro de referências explicitado pelo grupo para a análise das inserções.

1. A Vida Religiosa inserida, um projeto radical de vida cristã, que: Opta pelo lugar social das classes oprimidas como lugar teológico da experiência de Deus hoje e do seguimento histórico de Jesus de Nazaré. Relê a Palavra de Deus a partir desse lugar. Redefine a Consagração a partir da Missão como envio ao empobrecido. Revitaliza a missão profética e carismática em relação à Congregação, à Igreja e à Sociedade. Assume a **vida em comunidade** como: Sinal do Reino — vivência antecipada da nova sociedade — de partilha, de igualdade, sem dominações. Lugar de reflexão e busca conjunta da ação. Vive a oração, a celebração da Eucaristia e os Votos, como expressão do compromisso com as classes populares. Participa com o povo no processo da libertação plena em Cristo. Organiza-se e vive dentro do dinamismo da Igreja Particular.

2. Novas expressões da Vida Religiosa Inserida. Expressa-se: Na mudança de lugar social. Na identificação com o empobrecido na sua angústia e fragilidade frente ao peso do pecado social. Na comunhão de vida e de trabalho com outras congregações, padres e leigos.

3. Exigências

a) **Em relação à inserção:** Análise crítica das causas da injustiça. Consciência da importância fundamental do aspecto político — nas lutas populares, no Brasil, na atual conjuntura. Participação no pro-

cesso de organização e nas lutas das classes populares, particularmente dos operários e trabalhadores rurais, principais agentes de transformação social. Colaboração com movimentos de diversas ideologias na medida em que convergem para um projeto comum de libertação histórica, questionando-se profeticamente e deixando-se questionar por eles. Participação efetiva na vida do trabalhador rural e do operário, mediante um trabalho assalariado, no campo ou na fábrica para compreensão e compromisso com suas lutas. Valorização da nova dimensão do relacionamento homem-mulher na missão, em vista da construção da nova sociedade onde não existe o binômio dominador-dominado. Metodologia libertadora, a partir da re-leitura crítica e histórica da religiosidade popular, na qual o povo é sujeito do processo de transformação como também do seu mundo simbólico e religioso.

b) **Em relação à vida em comunidade.** Como critério na formação dos grupos: opção pessoal, confirmada pela comunidade e assumida pela província. Condições pessoais para essa nova forma de vida.

c) **Em relação à formação.** Que as províncias assumam esse novo projeto de vida religiosa: adequando o sistema de formação a essa nova forma de vida; abrindo espaços para a inserção; superando o binômio "Formador — Formando". Toda a Comunidade está em formação; Respeitando os "valores de classe" das vocações vindas do meio popular.

2.3.3. Principais Avanços — Desafios — Questionamentos das comunidades.

AVANÇOS. Redescoberta da missão, re-leitura da Bíblia e do carisma a partir do lugar social do oprimido. Opção pela classe empobrecida como expressão do seguimento histórico de Jesus de Nazaré. Nova dimensão dos votos: Obediência — relação de corresponsabilidade; Castidade — disponibilidade e convivência; Pobreza — solidariedade com o povo na partilha e na luta. Integração crescente entre fé — vida — compromisso político. Compromisso com a Igreja Particular que se abre para uma caminhada com o povo. A inserção como fator de interpelação e provocador de mudanças para um nível mais profundo de compromisso com o povo, na luta pela sua libertação plena. Maior crescimento da consciência crítica a partir da experiência concreta com operários e trabalhadores rurais. Perda de privilégios e descomprometimento com a classe dominante. Trabalho em conjunto com outros agentes. Maior amadurecimento humano nas dimensões: emocional — afetiva — religiosa, contribuindo para novas dimensões da vida comunitária. Respeito e compreensão em relação às opções pessoais. Tentativa de um novo estilo de vida na formação.

DESAFIOS. Os desafios dizem respeito à **Formação:** Auto-manutenção da comunidade formadora. Permanência da comunidade formadora, inserida no meio do povo. Opção da Província pela formação para este novo tipo de inserção. Descoberta e transmissão de uma

espiritualidade que ilumine e fortifique a luta. Processo de aprendizagem que nessa linha de inserção, exige "paciência histórica". Rompimento com os esquemas tradicionais de formação. Assumir "pecados e graças" da Igreja, resultantes de uma formação clerical e dualista. Conteúdo de formação e formadores. Aplicação da pedagogia libertadora.

Lugar geográfico-social-hermenêutico. Realidade dura do povo — apelo constante à conversão. Comunidade religiosa — fé e política. Releitura da Bíblia na óptica do oprimido. Crescente inserção e exigência constante de revisão de vida. Atitude de discernimento para perceber as "alianças". Mudanças vertiginosas e a tomada de posição diante delas. Posicionamento diante de grupos políticos e suas propostas. Conhecimento e denúncia das estruturas injustas. Mudança de lugar geográfico, mas não encarnação e comprometimento com a luta do povo.

Aspectos operacionais e pedagógicos. Critérios claros para a inserção. Convivência com as tensões. Práticas pastorais, levando em conta os anseios do povo. Fidelidade à metodologia libertadora. Promoção da unidade na diversidade das Congregações. Complementariedade dos próprios dons masculinos e femininos, sabendo com eles conviver.

Tensões. Religiosos e religiosas que defendem as instituições e as que desejam inserção em Pequenas Comunidades. Governo Provincial, frente às comunidades inseridas e às não inseridas no meio do povo.

Descompassos históricos e o "ser profeta" na Igreja e na Congregação. Caminhada na liberdade e desvencilhamento de estruturas tradicionais (superiores, normas, disciplina imposta). Igreja local conservadora e comunidades a caminho da libertação. Relacionamento entre religiosos inseridos e Igreja local. Convicção da necessidade da mudança e lentidão do processo. Diferença de visão da realidade e linha pastoral entre padres e religiosos.

QUESTIONAMENTOS. Níveis de exigências para a inserção. Como respeitar as verdadeiras motivações para esse tipo de vida, considerando as dimensões pessoais e comunitárias na formação dos grupos? A mudança de lugar social, implica necessariamente a mudança de lugar físico e cultural? Como conciliar? Qual a contribuição da VR na criação das novas estruturas da Igreja? Como vencer os desafios relacionados com a formação: a) A nova vida inserida responde às vocações populares? b) Como encarar o fato dos candidatos que temem voltar ao lugar de origem? c) A continuidade da formação renovada e a província mantendo obras tradicionais? Conjuntura política atual e o nosso compromisso no processo de libertação? Instituição versus vida carismática? Solidariedade concreta com o pobre e pertença à "classe religiosa"? Como anunciar a fraternidade numa sociedade classista? Como viver, agora, a Comunhão com pessoas de opções diferentes?

2.4. Perspectivas da Ação

2.4.1. Introdução explicativa. A terceira etapa do Seminário consis-

tiu em elaborar as possíveis LINHAS GERAIS ORIENTADORAS para o futuro no sentido de reforçar os aspectos positivos, reenfocar os negativos e aprofundar os questionamentos, as perplexidades, as dúvidas e as incertezas. Assim, a partir dos dados prévios, especialmente do quadro de referenciais e dos avanços, desafios e questionamentos fruto da análise das diversas Formas de Inserção, os diversos grupos elaboraram nesta fase final do seminário, algumas perspectivas de ação, que partilhadas em plenário, formaram as sugestões de caminhada para o futuro que transcrevemos neste capítulo. Apesar de globais o grupo as acha válidas para reforçar, e aprofundar os futuros passos de uma autêntica Vida Religiosa inserida nos meios populares. Cada Comunidade presente no Seminário está consciente também da necessidade de traduzir essas orientações para sua realidade, de acordo com a etapa da caminhada em que se encontra.

2.4.2. Perspectivas de ação

INSERÇÃO. Inserir-se no meio das classes populares; mudando de lugar social; vivendo do salário; analisando sistematicamente a realidade, obrigando-se a isso pela participação num grupo de estudos; analisando junto com o povo, a própria prática, num processo de ação-reflexão-ação; permanecendo à escuta dos interesses do povo e acreditando na força do pequeno; assumindo e integrando os valores da cultura popular, buscando junto, pistas de solução e empenhando-se numa luta comum criando espaços

de fé e fornecendo elementos de reflexão para militantes de, comunidades rurais, bairros e movimentos operários, sobre opções políticas, sobretudo hoje. Incentivando o compromisso com a classe.

MISSÃO PROFÉTICA. Revitalizar a missão profética e a dimensão carismática da Vida Religiosa. Reenfocando a experiência de Deus, a vivência dos Votos, a Oração, a Eucaristia, a partir do compromisso com as classes populares. Buscando uma vivência mais radical do Evangelho, em Comunidade, como sinal do Reino e antecipação de uma nova sociedade. Assumindo valores evangélicos que denunciam a iniquidade do sistema social opressor. Relendo a palavra de Deus a partir da ótica do oprimido, considerado como sujeito social das transformações estruturais. Relendo o carisma a partir da realidade de hoje. Inserindo-se em Igrejas Particulares comprometidas e realizando trabalho conjunto com os Agentes de Pastoral. Estabelecendo critérios para não nos deixar absorver por tarefas ministeriais. Buscando uma pedagogia libertadora, devolvendo a palavra ao povo. Assumir conscientemente as tensões, riscos e conseqüências que são provocadas pela vivência mais radical do Evangelho junto ao povo.

FORMAÇÃO. Criar condições para que as Congregações coloquem suas casas de Formação nos meios populares: motivando a Província e governo provincial; comunicando e trocando experiências; promovendo encontros; respondendo às aspirações dos jovens de hoje; integrando

os formadores no processo de mudança de lugar social. Reformular o projeto de formação de acordo com as exigências desta nova forma de Vida Religiosa. Integrando estudo e trabalho, vida pastoral e vivência comunitária; descobrindo, na realidade o lugar da experiência de Deus; unificando a inserção na Igreja local com a vivência do carisma próprio. Abrir espaço para as vocações populares; oferecendo vida simples; assumindo os valores de sua cultura; respeitando e assumindo os valores de classe das vocações vindas do Meio Popular. Envolver toda a Província no processo de formação: acompanhando as linhas prioritárias da Igreja; revendo as obras tradicionais; criando a consciência pela responsabilidade comum da formação.

3. Prospectiva

A tomada de consciência do grande enriquecimento que significa a troca de experiências e o confronto grupal, motivou os participantes para outros possíveis encontros, a fim de dar continuidade ao processo desencadeado pelo seminário. A CRB Nacional pensa dar continuidade a este tipo de seminários, propiciando a sua realização em outras regiões do país. Espera poder fazer acontecer em 80 o II Seminário de Estudos sobre Vida Religiosa inserida nos meios populares, abrangendo desta vez as Regionais do Nordeste.

4. Anexos

4.1. Prospecto do Seminário

4.1.1. Justificação. As Congregações Religiosas em sua grande maioria, têm como uma de suas metas principais, o atendimento dos mais necessitados, dos marginalizados, dos mais pobres. E elas vêm se questionando insistentemente sobre sua atuação e missão neste ponto, muito em foco na realidade atual do Brasil. Desejam encontrar pistas e caminhos; muitos de seus membros esperam uma definição mais clara e radical sobre a urgência de sua atuação nessa missão evangélica pedida constantemente pela Igreja. Na Assembléia Geral Ordinária da CRB, de 23 a 30 de julho de 1977, foi acentuado a maior participação e solidariedade com o povo no atendimento de regiões e pessoas necessitadas, seja no interior, seja na periferia das cidades.

A Assembléia Geral Ordinária sublinhou neste particular vários aspectos, salientando sobretudo: Que os Religiosos concretizassem maior participação com a Igreja numa ação e vida em comunhão com os pobres; Que as Congregações cujo Carisma seja o de atender os mais necessitados, retomassem em conjunto, o significado deste serviço de promoção, na Igreja e no país; Que a Conferência dos Religiosos do Brasil descobrisse os meios concretos de maior participação dos religiosos em regiões mais carentes de recursos e de pessoas; Que unissem os esforços congregacionais de mesma área pastoral, impedindo a pulverização dos recursos.

Em resposta a estas orientações, a CRB pretende promover para outubro de 1979, um SEMINÁRIO SOBRE O ESTUDO DA VIDA RELIGIOSA INSERIDA NO MEIO DO POVO, cujas informações apresentamos no presente PROSPECTO.

4.1.2. Objetivo Geral. Examinar e aprofundar a Vida de Religiosos e Religiosas inseridos nos meios populares para verificar as transformações da Vida Religiosa no contexto desta inserção e ver a contribuição específica que os Carismas das diversas Congregações podem dar no âmbito da ação pastoral no meio do povo.

4.1.3. Objetivos específicos. Intercambiar experiências de Religiosos e Religiosas inseridos em meios populares. Facilitar a auto-análise dessas mesmas Experiências. Deduzir do intercâmbio e da análise LINHAS--FORÇA em termos de Vida Religiosa e de Evangelização.

4.1.4. Participantes. Duas pessoas de cada uma das Experiências inscritas no Seminário. Uma pessoa em nível de Província, que está mais diretamente ligada e responsável pela Experiência em termos de seguimento da mesma como opção de Província. **Observações:** Fazemos notar que devido à dificuldade de realizar um Seminário com Experiências de todo o Brasil, só estão sendo convidadas as Experiências existentes nos Estados de Minas, Rio, Espírito Santo e São Paulo.

4.1.5. Coordenação. Coordenação Geral: CRB/Nacional. Coor-

denação pedagógica: Irmão Joaquim Panini, fms. Assessorias: Sociólogo: Pe. Mathias Martinho Lenz, sj; Teólogo: Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI; Pastoralista: Pe. Guilherme Reinhard, omi.

4.1.6. Supervisão da Diretoria Nacional. Ir. Irany V. Bastos, mjc; Ir. Yolanda Setubal, CA; Pe. Cristobal Alvarez, SJ; Ir. Maria Rita Périllier, FMA.

4.1.7. Programação

Jornada de lançamento do Seminário:

1. Aprofundar com os participantes a finalidade do Seminário, seu conteúdo e metodologia.

2. Conhecimento mútuo dos participantes entre si e dos coordenadores do Seminário.

3. Estabelecer com todos os participantes e a Coordenação as diversas etapas da preparação e realização do Seminário.

Programa da realização do Seminário:

1. Intercâmbio de Experiências
2. Análise das mesmas.
3. Dedução de LINHAS-FORÇA em termos de Vida Religiosa e Evangelização.

4.2. Relatório da Jornada de Lançamento — São Paulo março/79.

4.2.1. Histórico. Conforme tinha sido previsto, foi realizada, nos dias 24 e 25 de março, em São Paulo, a **JORNADA DE LANÇAMENTO** do Seminário de Estudo sobre a

Vida Religiosa inserida no meio do Povo com a finalidade de: 1. Aprofundar com os participantes a finalidade do Seminário, seu conteúdo e metodologia. 2. Propiciar um conhecimento mútuo dos participantes entre si e com os coordenadores do Seminário. 3. Estabelecer com todos os participantes e a coordenação as diversas etapas de preparação e realização do seminário (cf. projeto, item 7.1.)

Estiveram presentes 23 pessoas representantes de 18 Comunidades de Religiosos que estão vivendo NOVAS FORMAS de Vida Religiosa inserida no meio do Povo. Ficou decidido que se trabalharia durante todo o dia 24 para vivenciar os objetivos da JORNADA DE LANÇAMENTO e que o dia 25, domingo, ficaria livre para o intercâmbio de Vivências e visita a Experiências existentes em São Paulo dentro da perspectiva do Seminário. Apresentamos a seguir as conclusões a que chegou o grupo com relação ao SEMINÁRIO COMO TAL e a sua PREPARAÇÃO.

4.2.2. Com relação ao Seminário como tal. Com a relação ao Seminário como tal, chegou-se às seguintes conclusões:

OBJETIVOS DO SEMINÁRIO

Foi confirmado o objetivo fundamental do mesmo: (Cf. Prospecto do Seminário, nº 2: OBJETIVO GERAL): "EXAMINAR E APROFUNDAR A VIDA DE RELIGIOSOS E RELIGIOSAS INSERIDOS NOS MEIOS POPULARES PARA VERIFICAR AS TRANSFORMAÇÕES DA VIDA RELIGIOSA NO

CONTEXTO DESTA INSERÇÃO". "E VER A CONTRIBUIÇÃO ESPECÍFICA QUE OS CARISMAS DAS DIVERSAS CONGREGAÇÕES PODEM DAR NO ÂMBITO DA AÇÃO PASTORAL NO MEIO DO POVO".

Foram também reconfirmados os meios para conseguir esse objetivo principal: (Cf. PROSPECTO do Seminário nº 3: OBJETIVOS ESPECÍFICOS). "Intercâmbio de experiências de Religiosos e Religiosas inseridas em meios populares. Facilitar a auto-análise dessas mesmas experiências. Deduzir do intercâmbio e da análise LINHAS-FORÇA em termos de **Vida Religiosa e de Evangelização**".

Ficaram assentes os seguintes pontos:

1. Confirmou-se e insistiu-se sobre a importância de assistirem **duas pessoas** de cada uma das Novas Formas de Vivência da Vida Religiosa e da presença no Seminário de uma pessoa do GOVERNO PROVINCIAL ou da ANIMAÇÃO, EM NÍVEL DE PROVÍNCIA, da Pastoral ou da Formação.

2. Insistiu-se também na necessidade de haver mais Experiências de Interior e vividas por Religiosos, dado o grande número já existente de Experiências animadas por Religiosas e de capital.

3. Pediu-se encarecidamente que as Congregações que ainda não definiram qual a experiência que irá ser levada ao Seminário e as pessoas que irão participar, que o façam logo. Se de todo, alguma Congregação não pode enviar os

membros, que se comunique imediatamente à CRB Nacional para ceder a vaga a outras Congregações.

DATA E LUGAR DO SEMINÁRIO

Com relação ao **lugar** do Seminário e a **data** ficou determinado o seguinte: **Data** 24-29 de setembro de 1979, com início dia 24 às 11h e término dia 29, sábado às 12. **Local** — SÃO PAULO — Capital. Casa de Retiros N. S. das Dores, das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado — Capão Redondo — km. 21 da Estrada de Itapeverica da Serra.

Observação: A data da Realização do seminário foi mudada, sendo que a nova proposta satisfaz mais a alguns dos participantes e dos assessores.

4.2.3. Com relação à preparação ao Seminário. Dado que o Seminário vai consistir fundamentalmente num "Intercâmbio de Experiências", "Análise das mesmas" e "dedução de LINHAS-FORÇA" ou CRITÉRIOS de uma Vida Religiosa inserida no meio do Povo e considerando a importância de uma boa preparação ao Seminário para o bom êxito do mesmo sobretudo maior motivação e compromisso dos participantes, o grupo que participou da JORNADA DE LANÇAMENTO propõe a seguinte caminhada de preparação ao Seminário: **DESCRIÇÃO E INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS.**

1º Passo

A "PAUTA PARA A ANÁLISE DO TRABALHO DOS RELI-

GIOSOS INSERIDOS NO MEIO DO POVO" seria utilizada: Como sugestão de roteiro para que cada Comunidade aprofunde e analise sua Experiência como dinâmica interna. Da análise, seriam destacados **PONTOS ESSENCIAIS E ORIGINAIS** que seriam levados ao Seminário.

Nota: Por razões de ordem prática pedimos que cada Comunidade leve ao Seminário esta parte multiplicada (60 cópias).

2º Passo

Ficou determinado que para **ANALISAR AS EXPERIÊNCIAS** cada Comunidade: Trataria de destacar os principais "QUESTIONAMENTOS" que emergem dos pontos essenciais destacados, e isso em quatro níveis: a) nível sociológico; b) a nível teológico; c) a nível pastoral; d) a nível metodológico.

Nota: Para o questionamento nestes 4 níveis referir-se às orientações que seguem.

INSTRUMENTOS PARA DESTACAR OS QUESTIONAMENTOS

a) **A Nível Sociológico.** Que efeitos a mudança de lugar social produziu **na sua análise da realidade?** A opção preferencial pelos pobres levou-o a adotar a ótica do pobre (a das classes subalternas)? Meu instrumental de análise é consistente? É congruente com a adoção da ótica do pobre?

Leituras de base: 1. Fernando H. Cardoso. "O Modelo Político Brasileiro", em: **O Modelo Político Brasileiro e Outros Ensaio**s. 2. M.M.

Lenz — **O Brasil que vivemos. Uma Tentativa de Análise.** Convergência, março/abril, 1977. 3. Frei Betto. “Da Experiência Pastoral Popular”. Em: **Encontros com a Civilização Brasileira**, nº 2, 1978.

b) **A Nível Teológico.** Que efeitos a mudança do lugar social produziu na sua percepção e vivência do projeto religioso? Quais os principais impasses vividos pela sua Comunidade, a nível de experiência de Vida Religiosa, a partir da opção preferencial pelos pobres?

Leituras indicadas: 1. CLAR — Pueblo de Dios, Comunidad Libertadora; 2. CLAR — Los Religiosos en la Pastoral; 3. BOFF, L. — O papel dos Religiosos na Promoção Humana — Convergência, Julho/agosto/78. 4. BOFF, L. — Evolução da Vida Religiosa nos últimos 10 anos (Convergência, janeiro/fevereiro/79). 5. LIBÂNIO, J.B. — Vida Religiosa e Evangelização — CRB/Vozes. 6. BOFF, L. — Evangelização e Libertação — CRB/Vozes. 7. BOFF, L. — Teologia da Libertação: o mínimo do mínimo (Convergência março/79).

c) **A Nível Pastoral.** Que efeitos a mudança do lugar social produziu na sua práxis pastoral.

Leituras de Base: SEDOC — Comunidades Eclesiais de Base — Jan/fev/79. PAOLI, A. — Caminhando se faz caminho. BOFF — Os eixos de Puebla (Folha de São Paulo).

d) **A Nível Metodológico:** De que se trata? **O nível metodológico da análise** da nova forma de Vida Religiosa vivida junto ao povo, abor-

da o aspecto pedagógico, ou seja a atitude educadora, a **dimensão libertadora** do processo testemunhal e evangelizador do Religioso ou Religiosa junto ao Povo. Dentro do modelo de análise assumido pelo grupo na Jornada de Lançamento do Seminário de setembro, trata-se aqui portanto de destacar os **“QUESTIONAMENTOS METODOLÓGICOS”** subjacentes aos pontos originais e essenciais dos avanços de desafios ainda existentes na vivência dessa nova forma de viver a Vida Religiosa na Igreja.

Fazemos notar que os “questionamentos metodológicos” abordam mais a análise da pessoa e atitudes pedagógicas do Religioso ou Religiosa como agente evangelizador ou seja como pessoa profética e carismática na Igreja. Os questionamentos portanto não se situam aqui no nível dos conteúdos da Vida Religiosa ou da Evangelização, mas no nível da metodologia que na perspectiva de uma evangelização libertadora torna-se conteúdo.

Sugestões de roteiro para o trabalho. Ler pessoalmente a apostila **“EDUCAÇÃO LIBERTADORA”** e tirar conclusões pessoais na perspectiva de questionamentos metodológicos. Colocar em comum o resultado da reflexão pessoal e chegar a conclusões a nível da comunidade.

Ler e meditar em particular e tirar conclusões pessoais das apostilas: Reflexões pessoais sobre ensino e aprendizagem: Rogers. Educação centrada no conteúdo e educação centrada na pessoa. Catequese: reflexões pessoais: Floriano Tescaro-

lo (é o enfoque pastoral da metodologia).

Colocar em comum a reflexão pessoal e chegar a conclusões comunitárias, sempre em termos do objetivo: **questionamentos metodológicos** fruto do confronto entre os pontos essenciais de avanço e os desafios ainda persistentes da Experiência com a perspectiva pedagógica que deveria orientar a mesma.

Nota: Levar o resultado das conclusões ao Seminário de 24 a 29 de setembro.

4.3. Pauta para descrição da Comunidade inserida

Motivação. Por que você foi para o povo? Por que continua? Como se preparou? Quais os instrumentos para a renovação da sua motivação? Como você se questiona em seu trabalho?

Inserção. Que tipo de presença você tem na vida do povo? Como você ajuda o povo? Como você se mantém? Que tipo de casa é a sua? Alugada? Por que? Quem faz o serviço doméstico? Que proximidade e distâncias você sente em relação ao povo? Com que tipo de pessoas você trabalha? O que você acha de comunidades mistas? Religiosos ou leigos? Sua inserção corresponde ao carisma de seu Fundador?

Fé e Política. O que você pretende com esta inserção? O que é libertação para você? Onde ela já aconteceu? Quais as etapas? O que tem a ver sua inserção com a situação política nacional e internacional? Como você analisa a realidade?

de? Quem é o povo para você? Quais os setores prioritários a serem trabalhados? Que gestos proféticos sua comunidade já realizou?

Espiritualidade. Como é sua vida de oração? Que atitude de fé você tem diante da religiosidade do povo? Como você celebra a Eucaristia? Indique 3 livros de espiritualidade para quem está inserido no meio do povo. Por que se modificou sua visão dos votos, a partir de sua ida para o povo?

Congregação x Igreja. O que predomina em seu trabalho: a orientação da Congregação ou a da Igreja? Que estímulo sua Congregação dá à sua inserção? Para sua Congregação sua inserção é definitiva ou é experiência? Quais as críticas que você faz à sua Igreja local e à Congregação? Como você vive o conflito: disponibilidade para a Congregação x compromisso com o povo? Você acha que sua Comunidade dificulta o que você gostaria de fazer? Por que você pertence a uma Congregação? Quais os conflitos e tensões que seu grupo sofre externa e internamente?

Prospectiva. Seu compromisso de vida atrai os jovens de hoje a viverem como você? Qual sua meta concreta em seu trabalho com o povo? Aonde você quer chegar? Quais os sinais de um novo tipo de VR que já está aparecendo? Como você vê o futuro da VR?

4.4. Esquema global orientativo para o intercâmbio de Experiências. Critérios para a descrição e o intercâmbio.

1. Procurar ser **objetivo** e explícito: evitar as generalidades.

2. **Enfocar a descrição** e o intercâmbio na finalidade do Seminário: Experiência **enfocando o estilo** de vida e não tanto o tipo de trabalho pastoral.

3. Esforçar-se por ser humilde: o triunfalismo poderia prejudicar a profundidade da descrição e do intercâmbio.

4.4. Alguns aspectos globais e essenciais para a descrição das experiências.

ANTECEDENTES

Pequena caracterização: i.é., dar os principais indicadores e dados da experiência. Experiência em zona rural ou urbana: tipo. Origem ou gênese da experiência. Tipo de Igreja local. Duração. Pessoas que participam da Experiência.

FINALIDADE

Objetivos da Experiência: o que pretende realmente.

A EXPERIÊNCIA COMO PROCESSO (pede-se o filme e não uma fotografia). Momentos fortes da caminhada como processo: Etapas. Contexto: Como se relaciona com a realidade-local-povo e sua situação. Como se relaciona com a Igreja local e Diocesana. Como se relaciona com a Província. Testemunho comunitário. Inserção: na cultura do povo, no compromisso.

CONCLUSÕES

Fatores que estão favorecendo a experiência. Fatores que estão dificultando a experiência. Projeção da

experiência para o futuro. Neste momento está numa fase boa ou difícil? Como vê o futuro da Experiência?

4.5. Lista de Participantes

Estado do Espírito Santo

1. HELOISA MARIA S. RODRIGUES DA CUNHA, Sociedade Sagrado Coração de Jesus, VITÓRIA/ES; 2. MARIA JOSÉ PINHEIRO, Filhas da Caridade de SVP, VITÓRIA/ES; 3. TERESINHA NEWMAN BENFICA TOLEDO, Filhas da Caridade de SVP, VITÓRIA/ES.

Estado de Minas Gerais

4. ANTONIETA DA CONCEIÇÃO, Filhas de Jesus, MONTES CLAROS/MG; 5. CRISTÓBAL ALVAREZ, Comp. de Jesus, BELO HORIZONTE/MG; 6. DALVA PIRES DE OLIVEIRA, Providência de Gap, VISCONDE DO RIO BRANCO/MG; 7. EDNA ZANGALE DE AZEVEDO, Filhas de Jesus, JEQUITAI/MG; 8. ISABEL MARIA PINTO, Providência de Gap, ITAJUBÁ/MG; 9. JOÃO DUQUE DOS REIS, Salesianos, BELO HORIZONTE/MG; 10. MARIA DA CONCEIÇÃO V. DE RESENDE, Carmelitas da Divina Providência, BELO HORIZONTE/MG; 11. MARIA VIEIRA (Maurícia), Carmelitas da Divina Providência, BETIM/MG; 12. MIGUEL ELOSUA ROJO, Comp. de Jesus, CONTAGEM/MG; 13. NELLY MARIA FONSECA, Providência de Gap, PADRE PARAÍSO/MG; 14. PAULO GABRIEL

LOPEZ BLANCO, Agostiniano, BELO HORIZONTE/MG; 15. RAYMUNDO RABELO DE MESQUITA, Salesianos, BELO HORIZONTE/MG; 16. ZELIA BATISTA DE SIQUEIRA, Carmelitas da Divina Providência, BETIM/MG.

Estado do Rio de Janeiro

17. ANA MARIA LIMA (M. do E. Santo), Filhas da Caridade de SVP, RIO DE JANEIRO/RJ; 18. CLÉA DE CASTRO NEVES, Soc. Sagrado Coração de Jesus, RIO DE JANEIRO/RJ; 19. DÉCIO BATISTA TEIXEIRA, Salesianos, RIO DE JANEIRO/RJ; 20. IRANY VIDAL BASTOS, Miss. de Jesus Crucificado, RIO DE JANEIRO/RJ; 21. MARIA CARMELITA DE FREITAS, Filhas de Jesus, RIO DE JANEIRO/RJ; 22. MARIA JOSÉ DE SOUZA, Carmelitas da Divina Providência, JACUACANGA/RJ; 23. MARLENE FRINHANE, Carmelitas da Divina Providência, JACUACANGA/RJ.

Estado de São Paulo

24. ADMIR C. CITÓ, CAMPINAS/SP; 25. ADELE ZACCARDI, Combonianas, ITAQUERA/SP; 26. ANA AUGUSTA LACERDA (Jeane), Salvatorianas, CAMPINAS/SP; 27. ANA MARIA BATISTA, Irmãs de Santa Cruz, SÃO PAULO/SP; 28. ANNETTE MARLENE FERNANDES DE MELLO, Cônegas de San-

to Agostinho, SÃO PAULO/SP; 29. CIRENE TEREZA BUHNE-MANN, Miss. de Jesus Crucificado, ITAIM PAULISTA/SP; 30. ERNESTINA COSTA, Irmãzinhas da Assunção, SÃO PAULO/SP; 31. FRANCA LESSA, Irmãzinhas da Assunção, BAURU/SP; 32. GUILHERME REINHARD, Oblatos de Maria Imaculada, SANTO AMARO/SP; 33. HILDEGARD BECK (M. Clarissa), Clarissas — Franc. Imac. Conc. Maria de Bonlanden, EMBU/SP; 34. HOLLIS ANN CHENERY, Missionárias do Santo Rosário, ITAQUERA/SP; 35. IRACEMA SCHOEPS, Salesianas, CAMPINAS/SP; 36. IVO NE BRANDÃO DE OLIVEIRA, Filhas de Maria Auxiliadora, SÃO PAULO/SP; 37. JOAQUIM PANINI, Marista, SÃO PAULO/SP; 38. MARIA CECILIA NESTERIUK, Irmãs de Santa Cruz, SÃO PAULO/SP; 39. MARIA JOSEFINA DELANY (Mary Josefina), Irmãs de Santa Cruz, SÃO PAULO/SP; 40. MARIA DE LOURDES CAMARGO, Miss. de Jesus Crucificado, SÃO PAULO/SP; 41. MARIA DE LOURDES GREGORY (Ir. Melita), Franc. Imac. Conc. Maria de Bonlanden, ITAPECERICA DA SERRA/SP; 42. MARIA RITA MORAES PERILLIER, Filhas de Maria Auxiliadora, SÃO PAULO/SP; 43. MARIA ROSILLENNE PAROLIN, Irmãs Imaculado Coração de Maria, SÃO PAULO/SP; 44. MARTINHO LENZ, Companhia de Jesus, SÃO PAULO/SP; 45. MAUREEN O'MALLEY, Missionárias do Santo Rosário, PACAEMBU/SP; 46. NOEMIA EICHNER, Franc. Imac. Co-

ração de Maria; ITAPECERICA DA SERRA/SP; 47. ONDINA GONZATTO, Imaculado Coração de Maria, SÃO PAULO/SP; 48. SELMA DE BARROS CALIXTO, Cônegas de Santo Agostinho, SÃO PAULO/SP; 49. YOLANDA SETUBAL, Cônegas de Santo Agostinho, SÃO PAULO/SP.

Equipe de Secretaria

1. CRISTINA FERNANDES IMBERNON, Inst. Beatíssima Virgem Maria, SÃO PAULO/SP; 2. MYRIAM FIGUEIREDO BONILHA, SÃO PAULO/SP; 3. ITAGIBA DE PAULA CAMPOS NETO, SÃO PAULO/SP.

PUEBLA FALA DA VIDA RELIGIOSA (II)

a) Experiência de Deus

- 726** Há certos indícios que exprimem um desejo de interiorização e aprofundamento na vivência da fé ao comprovar que, sem o contato com o Senhor, não se consegue uma evangelização convincente e perseverante.
- 727** Há empenho por que a oração chegue a converter-se em atitude vital, de tal sorte que oração e vida se enriqueçam mutuamente: oração que conduza a comprometer-se na vida real, e vivência da realidade que exija momentos fortes de oração. Além de recorrer à oração íntima, tende-se de forma especial à oração comunitária, com partilha da experiência da fé, com discernimento sobre a realidade, orando junto com o povo.
- 728** Oração que deve ser visível e estimulante. Está-se redescobrendo o sentido da grande tradição da Igreja de orar com os salmos e textos litúrgicos, sobretudo na eucaristia participada. O mesmo se dá com outras devoções tradicionais como o rosário.
- 729** Deve-se reconhecer que alguns religiosos não conseguiram a integração entre vida e oração, mormente quando se acham absorvidos pela atividade, quando na inserção faltam espaços de intimidade ou vivem uma espiritualidade falsa.

b) Comunidade fraterna

- 730** Busca-se dar ênfase às relações fraternas interpessoais nas quais se valoriza a amizade, a sinceridade, a madureza, como base humana indispensável para a convivência; numa dimensão de fé, pois quem chama é o Senhor; num estilo de vida mais simples e acolhedor; num diálogo e participação.
- 731** Há diversos estilos de vida comunitária. Para certas obras e de acordo com os diversos carismas das instituições, existem comunidades numerosas. Também surgem "pequenas comunidades" que nascem geralmente do desejo de inserir-se em bairros modestos ou no campo, ou em alguma missão evangelizadora particular. A experiência mostra que, para terem êxito, essas pequenas comunidades devem preencher certas condições: motivação evangélica, comunicação pessoal, oração comunitária, avaliações, integração no instituto e na diocese mediante a indispensável assistência da autoridade.
- 732** Hoje, experimentam-se especiais dificuldades devidas à proximidade das pessoas e diversidade de mentalidades, quando diminui o sentido da fé ou não se respeita o devido pluralismo.

Observação: O texto oficial do Documento de Puebla "A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina", tem 1310 números. Destes, 55 estão reservados à Vida Consagrada. Começa no número 721 e termina em 775. CONVERGÊNCIA está transcrevendo estes números, *ipsis litteris*, desde o mês de novembro de 1979. Será preciso ler e reler para surpreender os sentidos subjacentes destas linhas.
